

Renée Zicman
(organizadora)

Internacionalizando a Universidade



São Paulo
2007

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Reitora Nadir Gouvêa Kfour/PUC-SP

Internacionalizando a universidade / org. Renée Zicman. - São Paulo : EDUC, 2007.
115 p.; 22 cm.

ISBN 85-283-0311-X

1. Cooperação universitária. 2. Educação internacional. 3. Universidades e faculdades - Administração. I. Zicman, Renée.

CDD 378.1
378.104



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Reitora: Maura Pardini Bicudo Vêras

Vice-Reitora: Acadêmica: Bader Burihan Sawaia

educ

Conselho Editorial

Ana Maria Rapassi, Bader Burihan Sawaia (*Presidente*), Bernardete A. Gatti, Cibele Isaac Saad Rodrigues, Dino Preti, Marcelo Figueiredo, Maria do Carmo Guedes, Maria Eliza Mazzilli Pereira, Maura Pardini Bicudo Vêras, Miguel Wady Chaia, Onésimo de Oliveira Cardoso, Scipione Di Pierro Netto (*in memoriam*), Vladimir O. Silveira.

EDUC – EDITORA DA PUC-SP

<i>Direção</i>	Miguel Wady Chaia
<i>Produção Editorial</i>	Magali Oliveira Fernandes
<i>Editoração Eletrônica</i>	Waldir Antonio Alves William Martins
<i>Revisão</i>	Sonia Rangel
<i>Capa</i>	Magali Oliveira Fernandes <i>Realização:</i> Waldir Antonio Alves
<i>Secretário</i>	Ronaldo Decicino

Rua Monte Alegre, 971 – sala 38CA
05014-001 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3670-8085 e 3670-8558

E-mail: educ@pucsp.br – Site: www.pucsp.br/educ



INTERNACIONALIZANDO A UNIVERSIDADE

MAURA PARDINI BICUDO VERAS
REITORA DA PUC-SP

Com 60 anos de existência, a PUC-SP é uma universidade que construiu uma história que a singulariza no cenário das Instituições de Ensino Superior brasileiras. Seu compromisso com o debate de idéias, com o aprofundamento do saber e com uma inserção social responsável, representa, historicamente, a marca diferenciada de sua comunidade e a consolidação e o aprimoramento dos valores que a referenciam.

Nos últimos anos, a PUC-SP também tem atuado de forma bastante ativa na internacionalização das suas atividades, por meio de múltiplas e diversificadas modalidades, favorecendo novas possibilidades de produção de conhecimento e fazendo com que a cooperação internacional ocupe lugar central e estratégico nas dinâmicas institucionais de nossa Universidade.

Os artigos aqui reunidos, originalmente publicados no Boletim *Rede Internacional*, atestam a grande riqueza e a variedade das experiências internacionais desenvolvidas pelas nossas Unidades Acadêmicas, por meio de relatos de professores, pesquisadores e estudantes da PUC-SP e de instituições estrangeiras.

Esta é a PUC-SP que juntos ajudamos a construir, sempre comprometida com a qualidade e a excelência de suas atividades acadêmico-científicas, e que, cada vez mais, reconhece a importância do papel desempenhado pela cooperação internacional.

SUMÁRIO

Apresentação	9
<i>Renée Zicman</i>	
Prefácio	15
<i>Marco Antonio Rodrigues Dias</i>	
A cooperação internacional como estratégia de desenvolvimento institucional	20
<i>Antonio Carlos Caruso Ronca</i>	
Programa Alfa: uma experiência singular	22
<i>Silvia Borelli</i>	
Intercâmbio internacional: uma formação diferenciada	24
<i>Renée Zicman</i>	
Um exemplo de participação no Programa Capes-Cofecub	26
<i>Maria Cecília Pérez de Souza e Silva</i>	
Intercâmbio internacional: um reencontro consigo mesmo	29
<i>Maria Stela Santos Graciani</i>	
Cooperação universitária e novos paradigmas	31
<i>Josep Pont Vidal</i>	
Cooperação internacional e crescimento acadêmico	33
<i>Heloisa Szymanski</i>	
Intercâmbio internacional: um processo de profundo crescimento e transformação interna	35
<i>Mônica Americano Leite Henriques</i>	
Comunicação e multiculturalismo	37
<i>Norval Baitello Junior</i>	
A exclusão social: reflexões a partir de um projeto de cooperação	39
<i>Serge Paugam</i>	

Colégio das Américas: uma experiência inesquecível.....	42
<i>Rui da Silva Santos</i>	
Intercâmbio internacional: um espaço de qualificação acadêmica	44
<i>Maura Pardini Vêras e Lucia Bógus</i>	
Uma rica experiência como professor visitante.....	46
<i>Maria Angela Barbato Carneiro</i>	
Resultados de uma cooperação franco-brasileira	48
<i>Tânia Maria Mendonça Campos</i>	
Relações internacionais como confluência de saberes na PUC-SP	51
<i>Paulo-Edgar A. Resende</i>	
Lael-PUC-SP: uma trajetória internacional.....	53
<i>Maria Antonieta Alba Celani</i>	
Aprendendo e produzindo vídeo em Nova York	56
<i>Julio Wainer</i>	
Intercâmbios consolidam História da Ciência na PUC-SP.....	58
<i>Ana Maria Alfonso-Goldfarb</i>	
Convergência de olhares históricos hispano-americanos	61
<i>Adilson José Gonçalves e Yvone Dias Avelino</i>	
Gestão universitária e processo de internacionalização: uma experiência compartilhada entre Brasil e Canadá.....	63
<i>Neusa Maria B. F. Santos</i>	
Internacionalização: desafio para as universidades.....	65
<i>Renée Zicman</i>	
Integração latino-americana: uma etapa no processo de internacionalização	67
<i>Margarita Rozas e Maria Lúcia Martinelli</i>	
Intercâmbio internacional: para além do crescimento pessoal	69
<i>Roberta Gerson Mouta</i>	

Cooperação internacional permite expressivos ganhos acadêmicos	71
<i>Alexandre Luzzi Las Casas</i>	
Cooperação internacional: uma experiência bem-sucedida	73
<i>Camilla Dixo Lieff</i>	
Relações internacionais	76
<i>Jerusa Pires Ferreira</i>	
Intérprete de conferências: uma profissão de natureza internacional.....	79
<i>Reynaldo J. Pagura</i>	
Significado das práticas de intercâmbio internacional	82
<i>Maria José F. Rosado Nunes</i>	
Novo modelo de cooperação globalizada a serviço da inclusão social	84
<i>Aldaíza Sposati</i>	
A experiência de ser um professor visitante.....	86
<i>Frank Usarski</i>	
Uma contribuição ao desenvolvimento de uma nação.....	88
<i>Alípio Casali</i>	
Intercâmbio acadêmico: uma oportunidade única.....	90
<i>Felipe Mastrocolla e Sabrina Lemos da Gama</i>	
A cooperação PUC-SP-Sciences-Po na formação do profissional de Relações internacionais.....	92
<i>Antonio J. Meirelles</i>	
Experiência internacional: subversão ou submissão?.....	94
<i>Oscar Vilbena Vieira</i>	
Uma experiência duradoura	97
<i>Denise Bernuzzi de Sant'Anna</i>	
Uma cultura para a democracia.....	99
<i>Gabriel Priolli</i>	

Democracia, justiça e direitos humanos em perspectiva comparada.....	101
<i>Rogério Arantes</i>	
Uma oportunidade de iluminação transcultural	104
<i>Cliff Welch</i>	
África? Fica ali na frente.....	107
<i>Ladislau Dowbor</i>	
Uma boa surpresa	110
<i>Carlos Nogueira e Carolina Troster</i>	
Brasil-França, um intercâmbio filosófico.....	112
<i>Salma Tannus Muchail</i>	
Estudar numa universidade brasileira	114
<i>Kacy Kerasoli e Risa Dubow</i>	

APRESENTAÇÃO

RENÉE ZICMAN

Vivemos um intenso processo de internacionalização das práticas sociais. Globalização, parceria, intercâmbio e rede incorporam-se ao vocabulário atual, especialmente com as novas tecnologias de comunicação e informação.

O fortalecimento dessa *cultura mundial* coloca novas exigências e desafios ao ensino superior, que passa, cada vez mais, a se desenvolver num contexto mundializado de conhecimentos, ciências e tecnologias. Há necessidade de superação do isolacionismo das ações individuais, de desenvolvimento de práticas mais coletivas, de maior abertura dos conteúdos curriculares e de participação em programas no exterior. As transformações no mercado de trabalho, as inovações nas áreas de informática e comunicação, a revolução tecnológica, a crescente importância do conhecimento, as permanentes inovações e os processos de internacionalização colocam a necessidade de se repensar e redefinir o papel e a função do ensino superior.

O aumento das atividades interativas e a força dos processos de cooperação internacional vêm se impondo cada vez mais às dinâmicas institucionais e as instituições de ensino superior têm se preocupado em implantar culturas institucionais mais internacionalistas.

A internacionalização das práticas e atividades de ensino, pesquisa e extensão afirmam-se cada vez mais como uma das mais fortes exigências da qualidade e da excelência acadêmico-científicas, como espaço privilegiado de afirmação de um novo modelo de instituição de ensino superior e de construção de um novo cenário global para o conhecimento.

É preciso também procurar vislumbrar as realidades nacionais a partir de suas inserções no cenário mundial. A tarefa não é fácil: países como o Brasil, acostumados a olhar para si mesmos, devem cada vez mais perceber a importância

das dimensões e das relações internacionais. A tarefa é muito importante: para que se possa ocupar papel de destaque no mundo, é fundamental poder estruturar uma visão própria sobre o mundo e sobre sua inserção na contemporaneidade. No início do século XXI, o principal desafio é, justamente, o de manter a singularidade das culturas no mundo cada vez mais globalizado ou mundializado.

As instituições de ensino superior têm tido, cada vez mais, importante papel nessa direção. Construindo possibilidades de entendimento e compreensão dessas complexas estruturas e promovendo a cooperação e o diálogo entre culturas e povos, essas instituições se afirmam como *locus* privilegiado de gestação de novas formas de conhecimento e de afirmação de direitos. Somente no âmbito de uma cooperação igualitária poderemos avançar conjuntamente na busca de novos paradigmas e na construção de um mundo mais justo e solidário.

A complexidade dos problemas mundiais só pode ser apreendida por meio de redes internacionais de estudos comparados, envolvendo grupos de diferentes instituições e países. Programas internacionais favorecem a modernização das estruturas acadêmicas, a abertura dos conteúdos curriculares e a formação de novos perfis de profissionais. Pesquisas têm demonstrado que a escolha da instituição de ensino superior a ser cursada estará cada vez mais baseada na dimensão de sua participação em redes internacionais e de suas parcerias no exterior. Os mais sólidos e importantes sistemas de avaliação de programas acadêmicos reconhecem a importância do papel desempenhado pela cooperação internacional e pela rede de relações e intercâmbios mantidos.

Para além das ações pessoais e pontuais de iniciativa de professores e estudantes – que seguem sendo base primordial para a cooperação internacional –, a principal mudança vivida pela internacionalização das instituições de ensino superior se traduz em iniciativas institucionais mais organizadas, estruturadas, valorizadas e financiadas. Sob risco de assumirem um papel secundário no cenário mundial

e local, essas instituições precisam, cada vez mais, estar preparadas para internacionalizar suas atividades de ensino e de pesquisa e os serviços prestados à coletividade.

Essas novas tendências foram amplamente discutidas e analisadas na Conferência Mundial sobre Educação Superior, promovida pela Unesco (Paris, outubro de 1998), que deu grande destaque para o papel desempenhado pela cooperação internacional. Em torno do tema geral “A Educação Superior no século XXI: visão e ação”, representantes de diferentes setores, organismos e membros da comunidade acadêmica estabeleceram os princípios fundamentais para a reforma dos sistemas de educação superior do mundo todo, fomentando uma nova coalizão entre a comunidade da educação superior e seus principais associados, e contribuindo para a implantação de uma cooperação mais eficaz, que possa, por meio da melhoria dos meios de criação e difusão de conhecimentos e experiências, responder aos desafios do desenvolvimento humano e da paz.

Abordando os efeitos da regionalização e da globalização, as novas tecnologias de informação e comunicação, assim como a parceria entre o mundo do trabalho e o ensino superior, a Unesco reconheceu que a cooperação internacional “deve ser concebida como parte integrante da missão institucional das instituições e sistemas de ensino superior”.

Esses movimentos de transformação têm colocado, em âmbito mundial, a necessidade de melhoria dos instrumentos atuais de apoio e desenvolvimento da cooperação internacional. No caso das instituições de ensino superior, tem-se procurado elaborar planos estratégico-institucionais e modelos próprios de cooperação internacional. Implantam-se mecanismos que incentivem e apoiem a internacionalização das atividades de ensino, pesquisa e extensão, instituindo assessorias especializadas em assuntos internacionais e reunindo pessoal capacitado para a formatação e gestão de programas.

Nesse sentido, tem sido fundamental a contribuição do Faubai – Fórum das Assessorias das Universidades

Brasileiras para Assuntos Internacionais, que atua no fortalecimento das ações de internacionalização do ensino superior no país, congregando gestores ou responsáveis por assuntos internacionais de mais de 150 instituições de ensino superior brasileiras.

As estratégias de internacionalização têm procurado garantir crescente reconhecimento, impacto e mobilização institucional, aumentando da sensibilização para a importância da cooperação internacional e contribuindo para o fortalecimento institucional e o reforço da visibilidade internacional das instituições de ensino superior. Ao lado de direcionamentos mais pró-ativos, implantam-se canais e instrumentos mais ágeis, facilitadores de acesso às informações e oportunidades. A essas ações institucionais vemos também se somarem esforços de agências governamentais e internacionais de divulgação de seus programas no exterior.

Traduzindo essas novas tendências de internacionalização do ensino superior, a PUC-SP, universidade que ocupa uma posição de destaque no cenário acadêmico-científico brasileiro, tem, especialmente nos últimos anos, ampliado a institucionalização das suas atividades internacionais, desenvolvendo programas de cooperação em diversas áreas, de diferentes níveis e por meio de múltiplas modalidades, com parceiros de reconhecida excelência acadêmica, em várias partes do mundo.

Em maio de 1995, a PUC-SP foi uma das primeiras instituições de ensino superior brasileiras a criar uma Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais, ligada ao Gabinete da Reitoria, com o objetivo de estimular e apoiar o desenvolvimento de programas, projetos e atividades de âmbito internacional, por meio de contatos com instituições, agências e representações diplomáticas, de divulgação de oportunidades no exterior, de apoio à realização de eventos internacionais na PUC-SP e à participação em eventos fora do

país, de recepção de estudantes e visitantes estrangeiros, de acolhida e tramitação de propostas interinstitucionais.

Pouco mais de dois anos depois, em agosto de 1997, foi lançado o boletim *Rede Internacional*,* publicação voltada para a área internacional, que, ao longo de nove anos, divulgou mais de 1.700 oportunidades de bolsas de estudo, cursos, prêmios e eventos no exterior e 2.000 experiências de âmbito internacional desenvolvidas pelas Unidades Acadêmicas da PUC-SP.

Este livro apresenta artigos que foram originalmente publicados no boletim *Rede Internacional*, com relatos de atividades internacionais desenvolvidas por professores, pesquisadores e estudantes da PUC-SP e de instituições estrangeiras.** As 41 experiências relatadas e as reflexões apresentadas envolvem atividades em diferentes áreas de conhecimento, níveis de ensino, modalidades, países, e ilustram a grande variedade e a riqueza das ações de cooperação internacional empreendidas.

Esses relatos retratam também a evolução das atividades internacionais nas instituições de ensino superior e as principais modalidades operadas na área da cooperação internacional universitária: redes e programas conjuntos de pesquisa, estudos comparados, integração e internacionalização de percursos curriculares, duplos diplomas, participação em eventos internacionais, intercâmbios de estudantes, programas de professores visitantes. Traduzem, de forma privilegiada, novas práticas pedagógicas, novas linhas de pesquisa, novos referenciais teóricos, novas rotas de cooperação, novas gramáticas de pensamento. Testemunham, ao lado de ganhos institucionais e profissionais, vivências e reinvenções pessoais.

Este livro tem ainda a honra de contar com um prefácio de Marco Antonio Rodrigues Dias, grande especia-

* O boletim *Rede Internacional* conta com o patrocínio da empresa Central de Intercâmbio.

** Foram mantidas a ordem cronológica e as indicações das funções e cargos ocupados pelos autores na época da publicação.

lista de ensino superior, atualmente Conselheiro Especial da Universidade das Nações Unidas, que, durante quase duas décadas, foi Diretor de Ensino Superior da Unesco, tendo sido o principal organizador da Conferência Mundial de Educação Superior, realizada em Paris, em 1998.

Com mais de 60 anos de existência, a PUC-SP quer poder, cada vez mais, apoiar e reforçar sua inserção e consolidação no campo da cooperação internacional, captando oportunidades, socializando o acesso às informações, motivando a comunidade universitária, construindo parcerias, consolidando e legitimando sua produção acadêmica e seu patrimônio científico e institucional no cenário nacional e internacional.

Os relatos aqui apresentados indicam que, mais que opção, a internacionalização deve ser responsabilidade de toda instituição de ensino superior, que tem a missão de construir conhecimentos e formar cidadãos e profissionais preparados para atuar num mundo cada vez mais complexo, interdependente e multicultural.

Renée Zicman

Professora do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP.
Assessora para Assuntos de Cooperação Internacional da PUC-SP.

PREFÁCIO

MARCO ANTONIO RODRIGUES DIAS

Em 1998, realizou-se em Paris, de 5 a 9 de outubro, a Conferência Mundial sobre o Ensino Superior (CMES), contando com a participação de quase cinco mil especialistas vindos do mundo inteiro. Foi a maior conferência jamais dedicada a esse nível de ensino no mundo inteiro e em todos os tempos. Mais de 180 países estiveram representados e mais de 120 ministros chefiam as delegações nacionais oficiais.

Essa conferência tinha sido precedida por encontros regionais, realizados nos diversos continentes. Desde o início, verificou-se que, por toda a parte, se desenvolvia a consciência de que, no mundo atual, nenhuma instituição pode viver isolada. A cooperação internacional é uma necessidade para as instituições de ensino superior de todos os países. Em nossos dias, nenhuma instituição tem condições de ser excelente em todos os domínios.

Durante os encontros regionais preparatórios à CMES, um consenso se estabeleceu, desde os primeiros momentos, no sentido de que se impunha uma visão de cooperação solidária, em que todos os participantes sejam considerados iguais e o compartilhar de conhecimentos seja uma norma básica. Em tempos de globalização, o conhecimento passa a ter um valor econômico extraordinário e, caso se mantenha o objetivo de se construir uma sociedade mais justa, a cooperação internacional a ser estimulada não pode ser a que vem de cima para baixo, determinada pelos que dispõem do controle financeiro, político e cultural no mundo. Ficou claro, também, que a cooperação, como a internacionalização, a serem estimuladas não podem ser confundidas com a comercialização da educação através de processos em que países recipientes são chamados a pagar, caro e em moeda forte,

por programas que freqüentemente nada têm a ver com suas realidades e necessidades.

A convergência das reflexões conduzidas no mundo inteiro levou os participantes da CMES de 1998 a dar um destaque importante à cooperação e, mesmo de maneira exagerada, segundo alguns, a colocar no documento relativo ao “marco de ação prioritária para a mudança e o desenvolvimento do ensino superior” o princípio de que a cooperação não deveria ser apenas instrumental – um meio para se atingir um fim –, mas ser incluída entre as missões de base do ensino superior.

A declaração e o plano de ação da CMES são documentos muito amplos (encontráveis na página web da Unesco), e apresentar um resumo de seus princípios não é o objeto deste texto, mas podemos destacar os seguintes pontos:

1. O acesso à educação superior deve ser o mais amplo, nos termos do artigo 26.1 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Nenhuma discriminação pode ser aceita para restringir esse direito e os poderes públicos devem velar para que ele possa ser exercido por todos;
2. A diversificação pode ser um meio de reforçar a igualdade de oportunidades, mas, independentemente de quem presta o serviço educativo, este deve, essencialmente, ser considerado um bem público;
3. A qualidade é um conceito multidimensional, que engloba todas suas funções e atividades. Qualidade e pertinência são conceitos interligados. Não há qualidade se a instituição não for pertinente, isto é, se não participar da busca de soluções para se construir uma sociedade mais justa. Posições monopolistas foram rechaçadas. Os sistemas de educação superior devem levar em consideração os aspectos culturais e sociais. A função da pesquisa é essencial, assim como os processos de avaliação, tanto interna como externa;
4. É de suma importância que professores e estudantes participem das decisões relativas aos programas e à gestão

das IES. Essas instituições devem ser democráticas e, para isso, toda e qualquer discriminação no acesso, sobretudo relativa ao gênero, deve ser eliminada. O desenvolvimento das novas tecnologias deve ser impulsionado em todas as instituições, no mundo inteiro, ressaltando-se que, em nenhum caso, poderia se transformar em instrumento de dominação e de monopólio;

5. Finalmente, impõe-se a necessidade de uma ação vigorosa em favor da cooperação, da mobilidade como instrumento de cooperação e da construção de um sistema baseado em redes e inspirado nos princípios de solidariedade e distribuição equitativa do conhecimento.

Na introdução à Declaração Final, os participantes ressaltaram que

(...) sem uma educação superior e sem instituições de pesquisa adequadas, que formem a massa crítica de pessoas qualificadas e cultas, nenhum país pode assegurar um desenvolvimento endógeno genuíno e sustentável e nem reduzir a disparidade que separa os países pobres e em desenvolvimento dos países desenvolvidos. O compartilhar de conhecimento, a cooperação internacional e as novas tecnologias podem oferecer oportunidades novas para reduzir esta disparidade.

Ao planejar a CMES, seus organizadores buscaram encontrar, para os temas fundamentais em discussão – pertinência, qualidade, gestão e financiamento, cooperação –, pessoas e representantes de instituições que se tivessem destacado, por sua ação e reflexão, em cada uma dessas áreas ou apresentassem um potencial visando a melhoria dos sistemas de ensino superior no mundo inteiro.

Entre os especialistas convidados a se pronunciarem na Comissão da CMES que analisou as propostas para a cooperação, estava a professora Renée Zicman, Assessora para Assuntos de Cooperação Internacional da PUC-SP. Seu pronunciamento teve por base dar elementos à discussão sobre

temas diversos, como a internacionalização de *curricula* e de programas, a elaboração de programas conjuntos de pesquisa, parcerias e redes regionais e internacionais, constituição de centros de excelência. O título da sessão em que se pronunciou a representante da PUC-SP era Integração Regional, Globalização e Desenvolvimento.

No documento que apresentou, a professora Zicman, mencionando experiências concretas em que esteve envolvida a PUC-SP, como era exemplo o projeto Rima – Rede de Integração e Mobilidade Acadêmica, desenvolveu conceitos mais amplos, que levavam à constatação da necessidade de superação do isolamento de ações individuais das instituições, dando-se mais destaque a práticas mais coletivas e ao contato com instituições de diferentes partes do mundo, numa perspectiva de diversidade cultural.

Pelo conjunto de atividades internacionais que a PUC-SP vem desenvolvendo, especialmente nos últimos anos, é excelente e muito oportuna a idéia de se publicar, em forma de livro, artigos do boletim *Rede Internacional*, da PUC-SP, que relatam, de forma sintética, experiências de estudantes e professores em vários domínios do saber da PUC-SP. As experiências relatadas e o impacto de projetos diversificados sobre a vida comunitária da PUC-SP revelam o acerto dos organizadores da Conferência Mundial do Ensino Superior em convidar a representante da PUC-SP para fornecer elementos para o debate, em nível internacional, sobre o tema da cooperação.

Os relatos apresentados nos textos que aqui se publicam e que tinham sido divulgados inicialmente no boletim *Rede Internacional* da PUC-SP mostram, de forma concreta, como a cooperação pode ser útil para a melhoria da qualidade e da pertinência das instituições superiores, através de modalidades clássicas de cooperação, como envio de estudantes e alunos ao exterior, recepção de conferencistas e de professores visitantes, mas, sobretudo, agora, por meio da ela-

boração de programas conjuntos, tanto na esfera Norte-Sul, como Sul-Sul.

Os textos revelam, ainda, que a cooperação tem colaborado para a tomada de consciência, por parte da PUC-SP, acerca de questões fundamentais vinculadas à cooperação em tempos de globalização. Creio ser útil concluir, ainda que de maneira bastante sintética, lembrando que vivemos, em nível internacional, tempos de obscurantismo, em que, na área de educação, organizações e especialistas internacionais confundem cooperação com comercialização e se submetem a uma visão do mundo em que a educação passa a ser tratada como serviço comercial e não como um bem ou um serviço público.

Independentemente de suas eventuais dificuldades conjunturais, realidade vivida pelo conjunto de instituições do ensino superior no mundo inteiro, a PUC-SP, por sua ação na área internacional, revela estar consciente da importância da diversidade cultural, de considerar essencial a cooperação com instituições tanto do Norte, como do Sul, de se posicionar sem complexos diante de instituições do Norte exigindo, na prática, uma ação entre iguais, não se limitando, como várias outras instituições, a se submeter a instituições anglo-saxônicas, mas abrindo seu leque de ações a projetos com países como Espanha, França, países nórdicos, África e América Latina. Nesse sentido, a PUC-SP revela esforços para integrar estudantes e professores nos programas de cooperação e, por fim, deixa claro, na prática de sua ação internacional, que, embora seja uma instituição regida pelo direito privado, deseja manter-se alinhada com o princípio da CMES de 1998, segundo o qual ensino superior deve ser visto, basicamente, como um bem público, acessível a todos e colaborando para a construção de um mundo melhor.

Marco Antonio Rodrigues Dias

Conselheiro Especial do Reitor da Universidade das Nações Unidas.
Ex-Diretor da Divisão de Ensino Superior da Unesco (1981-1999).

A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

ANTONIO CARLOS CARUSO RONCA

Atualmente, as universidades vêm-se cada vez mais estimuladas a internacionalizar suas práticas e atividades de ensino, pesquisa e extensão, como nova exigência da produção e divulgação do conhecimento e condição de garantia de sua qualidade e excelência científico-acadêmicas.

Nos últimos anos, a PUC-SP vem mantendo, especialmente em algumas áreas, intensas relações com o exterior, participando ativamente de programas e projetos internacionais, através da presença em congressos, seminários, associações e fóruns internacionais de universidades, da adesão e integração a projetos e redes de ensino e pesquisa, dos diferentes convênios firmados com instituições estrangeiras e do crescente número de docentes e pesquisadores de nossa Universidade que viajam ao exterior e de professores estrangeiros que nos visitam a cada ano.

Sem que deixemos de reconhecer o mérito e o empenho das iniciativas pessoais e individuais de nossos docentes e pesquisadores, a cooperação internacional desenvolvida pelas Unidades Acadêmicas da PUC-SP deve ser entendida como patrimônio científico e institucional de nossa Universidade, que, cada vez mais, deverá poder se apropriar dessas experiências e vivenciá-las como atividades cotidianas das dinâmicas acadêmico-científicas, por meio de programas de intercâmbio internacional de estudantes e professores, de projetos conjuntos de pesquisa, da participação em organismos internacionais e da otimização dos recursos e oportunidades existentes.

Precisamos implantar uma cultura institucional cada vez mais internacionalista na PUC-SP e reconhecer a importância dos vínculos e das relações com instituições estrangeiras,

divulgando informações e oportunidades, e, especialmente, ampliando a participação de nossa Universidade em programas e acordos internacionais.

Nesse sentido, as atividades desenvolvidas pela Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais contribuem para a inserção da PUC-SP no campo da cooperação internacional, fortalecendo uma estratégia de crescimento institucional e qualificação do ensino, das pesquisas e das atividades de extensão desenvolvidas em nossa Universidade.

Antonio Carlos Caruso Ronca

Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação da PUC-SP. Reitor da PUC-SP (1993-2004).

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 1, 08/97.

PROGRAMA ALFA: UMA EXPERIÊNCIA SINGULAR

SILVIA BORELLI

Há pouco mais de um ano, recebi uma proposta da Professora Lucrecia Chauvel, da Universidade de Lille III, França, para integrar, como pesquisadora, uma rede interuniversitária no âmbito do Programa Alfa – América Latina Formação Acadêmica. Ainda que já tivesse ouvido relatos, no Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-SP, sobre projetos dessa natureza, as informações retidas, até então, eram de que o Alfa dizia respeito a um programa da Comissão Européia de constituição de parcerias entre universidades da América Latina e Europa, e que a formação de redes supunha o aval das reitorias das instituições envolvidas.

Procurei, então, a Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais da PUC-SP. Numa reunião com a Coordenadora da ARII, professora Renée Zicman, vimos, professora Lucrecia Chauvel e eu, vários pontos sendo esclarecidos – entre eles, a existência de um efetivo interesse, por parte da Reitoria, em relação à participação da PUC-SP no Programa Alfa – e as primeiras providências sendo encaminhadas.

A partir daí, a rede formada por sete Universidades – Lille III (França), Autônoma de Barcelona (Espanha), Fernando Pessoa (Portugal), Nacional de Rosário (Argentina), Hebraica Barllan (Argentina), Luterana do Brasil e PUC-SP – elaborou uma proposta para o Subprograma B2 – Projetos Comuns de Pesquisa, intitulada *Educom: Educação e Comunicação*, que foi encaminhada à Comissão Européia em abril de 1997, com resultado previsto para o próximo mês de outubro.

Em compasso de espera, recebi, em junho último, um convite para participar, em Rosário, Argentina, de um seminário cuja meta era aprofundar as temáticas contidas no ALFA-B2 e propor um novo projeto, para outubro de 1997, para o Subprograma B3, destinado à Cooperação para a Formação

Científica e Tecnológica, cujo objetivo é o intercâmbio de pós-graduandos. Confusa, em meio a tantas referências e siglas, solicitei, uma vez mais, o apoio da ARII, que me forneceu informações e colaborou na avaliação quanto à pertinência em aceitar o convite para o referido seminário.

Com o apoio da Reitoria da PUC-SP e estadia coberta pela Universidade Nacional de Rosário, tive a oportunidade de participar de uma reunião de trabalho cuja marca foi a produtividade e a organização. O Alfa-B3, dela resultante, conta com a presença das universidades já citadas, e outras três: Católica do Equador, Artes Ciências e Comunicação do Chile e República do Uruguai. O projeto propõe a realização de um curso, na Universidade Autônoma de Barcelona, de 400 horas, com duração prevista de dez meses, cujo conteúdo programático gira em torno da relação entre Comunicação e Prevenção da AIDS. Cada universidade selecionará dois bolsistas, que, para além do curso, realizarão um estágio de dois meses na Universidade de Lille III. Como se pode notar, as oportunidades são bastante interessantes!

Ainda que colocado em linhas gerais e de forma sintética, o que vale a pena ressaltar é a importância da participação da PUC-SP em projetos que, como esse, legitimam a produção acadêmica, possibilitam a circulação por rotas menos domésticas, constroem parcerias institucionais e internacionais, e colaboram para redimensionar o espaço da PUC-SP no cenário científico nacional e internacional. Vamos torcer para que nosso projeto seja aprovado em Bruxelas.

Silvia Borelli

Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados e da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 2, 09/97.

INTERCÂMBIO INTERNACIONAL: UMA FORMAÇÃO DIFERENCIADA

RENÉE ZICMAN

Vivenciamos um importante processo de internacionalização das práticas sociais. Globalização, parceria, intercâmbio e rede são palavras que se incorporam ao vocabulário atual, especialmente com as novas tecnologias de comunicação e informação.

O surgimento dessa cultura mundial coloca novos desafios ao ensino superior, por meio da crescente necessidade de superação do isolacionismo das ações individuais, de desenvolvimento de práticas mais coletivas, de maior abertura dos conteúdos curriculares e de participação em programas de estágios e cursos no exterior.

Nesse processo de internacionalização, mudanças começam a ser operadas nas universidades do mundo todo, motivadas por vontade política das reitorias, desejo de projeção internacional, presença de estudantes e professores no exterior e desenvolvimento de projetos em parceria com instituições estrangeiras e com financiamento internacional.

Ainda que as possibilidades sejam maiores no campo da pesquisa e da pós-graduação, é cada vez mais importante propiciar mecanismos de apoio à internacionalização do ensino de graduação, que deverá passar a se desenvolver num contexto mundializado de áreas de conhecimento.

Há diferentes maneiras de se acrescentar conteúdo internacional a um curso de graduação. Além da incorporar conteúdos de conferências de professores visitantes, de acolher estudantes estrangeiros e estudar experiências que ilustram formas de aplicação dos currículos em outros países, deve-se estimular e ampliar o número de docentes e estudantes de graduação e pós-graduação que participam de pro-

gramas de complementação, aperfeiçoamento e estágios em centros de ensino e pesquisa no exterior.

Acompanhando o crescimento da demanda, a oferta de programas de estudos no exterior aumentou significativamente, tanto em opções de destinos como em modalidades de cursos: complementação curricular, aperfeiçoamento de língua estrangeira, especialização profissional, estágios na área de formação e atuação, entre outros.

Sem deixar de responder pela verdadeira e maior missão da universidade – oferecer a possibilidade de estruturação da inteligência para a apreensão da realidade, despertar a curiosidade, a criatividade e o interesse pela pesquisa e se afirmar como lugar privilegiado de elaboração de novos projetos sociais –, as instituições de ensino superior devem garantir uma formação que também procure atender às demandas do mercado de profissões.

Vivemos, cada vez mais, numa sociedade de educação ou de formação. Se reconhecemos como tarefa primordial das instituições de ensino superior oferecer formação baseada numa cultura mais generalista – como importante e saudável contraponto à especialização –, elas não podem, entretanto, descuidar de fornecer ferramentas fundamentais para o aperfeiçoamento da formação profissional, aumentando a capacidade de competir no mercado internacional de idéias e de profissões: sólida cultura de informática, conhecimento de língua estrangeira e experiência internacional.

Renée Zicman

Professora do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP. Coordenadora da Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais (1995-2004).

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 3, 10/97.

UM EXEMPLO DE PARTICIPAÇÃO NO PROGRAMA CAPES-COFECUB

MARIA CECÍLIA PÉREZ DE SOUZA E SILVA

No âmbito do Programa Capes-Cofecub,* o projeto *Atividades de linguagem em situação de trabalho*, desenvolvido pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas (Lael), vem, ao lado de uma série de outras iniciativas, contribuir para a consolidação do patrimônio científico e institucional da PUC-SP, especialmente na vertente direcionada para a internacionalização das suas práticas e atividades de pesquisa e ensino.

Nessa iniciativa, a PUC-SP ocupa posição de destaque, por assumir a coordenação, no lado brasileiro, de um programa no qual são nossas parceiras a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e a Universidade Estadual do Rio de Janeiro e por ter sido contemplada com um projeto (de um total de 75 propostas encaminhadas, apenas um terço foi implementado) cuja temática apresenta grande alcance social.

De fato, constituir como objeto de pesquisa as práticas de linguagem no trabalho e procurar meios para descrever seu funcionamento representa uma primeira iniciativa para a criação de um domínio de pesquisa pluridisciplinar, construído no cruzamento das ciências da linguagem, do trabalho e das organizações.

Nesse sentido, revelou-se extremamente rica a associação, na França, com os grupos *Langage et Travail* (Paris), *Analyse Pluridisciplinaire des Situations de Travail* (Université de Provence) e *Dynamiques Sociolangagières* (Université de

* Acordo de Cooperação Bilateral entre o Brasil (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES/MEC) e a França (Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil – Cofecub) para apoiar a formação de recursos humanos de alto nível nas diversas áreas de pesquisa, por meio de projetos conjuntos de cooperação científica.

Rouen), os quais, cada qual à sua maneira, vêm contribuindo, há mais de dez anos, para o estudo e entendimento de um cenário econômico e social em modificação rápida e constante.

Novas formas de trabalho e novas tecnologias de informação estão efetivamente levando ao aumento e à diversificação das práticas de linguagem, bem como à valorização das competências comunicacionais.

Surgem, então, vários questionamentos: a que concepções de linguagem, de trabalho, de sujeito, de cooperação e de contexto recorrer? Procurando responder a essas questões, tem sido fundamental a posição de ponta assumida pela PUC-SP, enquanto propulsora de projetos de cooperação internacional.

É importante destacar que a construção desse projeto, que inicialmente se estenderá por dois anos e apoiará programas de missões de professores-pesquisadores, além de bolsas de doutorado e pós-doutorado, envolvendo três universidades brasileiras e as Universités de Provence e Rouen, foi resultado de várias ações que se cruzaram e interpenetraram.

Além da determinação e do trabalho intenso dos professores e alunos do Lael/PUC-SP interessados na problemática abordada, dos contatos mantidos com os grupos do Rio de Janeiro e da França, e da experiência adquirida em outros projetos – especialmente em um deles, no qual participei, voltado para o estudo da comunicação em contextos profissionais (Fapesp) e coordenado pela professora Maria Antonieta Alba Celani –, foi fundamental o apoio das instâncias da PUC-SP envolvidas – coordenadora do Lael, presidente da Comissão Geral de Pós-Graduação – e, finalmente, a competência e disponibilidade da equipe da ARII, liderada pela professora Renée Zicman, que acompanhou toda a ela-

boração do projeto, desde as dúvidas mais corriqueiras e os contatos com os órgãos de fomento até a formatação final e o encaminhamento do projeto à Capes.

Maria Cecília Pérez de Souza e Silva

Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas da PUC-SP. Coordenadora do Projeto Capes-Cofecub “Atividades de linguagem em situação de trabalho” (1997-2000).

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 4, 11/97.

INTERCÂMBIO INTERNACIONAL: UM REENCONTRO CONSIGO MESMO

MARIA STELA SANTOS GRACIANI

Em dezembro passado, chegava a San Antonio, no Texas (EUA), com a grande expectativa de reencontrar minha filha, que há seis meses estava participando de um programa de intercâmbio na University of The Incarnate Word – por meio de um convênio firmado com a PUC-SP – e que pela primeira vez havia ficado tão longe de mim. Naquele instante doce e terno, não imaginava que nesse pequeno intervalo de tempo uma revolução interna houvesse se passado com ela, cheia de mudanças e transformações.

Esse acontecimento levou-me a refletir muito sobre a importância dos intercâmbios, trocas e reciprocidades vitais nas experiências pessoais dos jovens. Viagens, novos universos de sentidos, enfrentamentos de desafios inusitados, medos, inseguranças, incertezas, nova arquitetura visual ao olhar as paisagens. Enfim, o sabor e o cheiro de outro lugar, distante das relações sociais do cotidiano até então vivenciado.

Foi bom surpreender-me com a desenvoltura da comunicação em outra língua, no caso a inglesa, que se fazia no encontro das amizades conquistadas, nos elogios dos mestres estrangeiros ou nos colóquios com balconistas, carteiros e recepcionistas. Foi interessante descobrir que a distância do lar materno cria condições objetivas e concretas para a autonomia e independência na resolução de problemas, no levantamento de hipóteses e na administração de conflitos. Foi incrível pensar na responsabilidade assumida pessoal e civicamente em dizer com orgulho e tanta satisfação: “Sou brasileira; a cultura, os valores, os anseios de meu país são diferentes, comparativamente ao desta terra onde estou vivendo; há diversidades de hábitos, costumes, enfim, de modos de viver e lutar”.

Penso hoje, com toda convicção, que um intercâmbio faz e refaz, cria e recria, move e remove os parâmetros

para reconstrução da identidade pessoal e social de quem consegue olhar com o coração.

Creio que essa sensibilidade afluída e desenvolta, traduzida pela comunicação com o mundo novo, aumenta a auto-estima, a autoconfiança e a autovalorização do jovem, fazendo com que se torne mais capaz de delinear e construir um novo projeto de vida, encontrando-se mais profundamente consigo mesmo.

Maria Stela Santos Graciani

Professora da Faculdade de Educação da PUC-SP. Diretora do Núcleo de Trabalhos Comunitários.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional nº 5**, 03/98.

COOPERAÇÃO UNIVERSITÁRIA E NOVOS PARADIGMAS

JOSEP PONT VIDAL

A convite do Núcleo de Pesquisas de Movimentos Sociais do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, tão eficazmente dirigido pela professora Maria Lúcia Carvalho, desenvolvi o curso Metodologia de Análise dos Movimentos Sociais e Políticas Sociais.

Confesso que, em poucas palavras, tenho dificuldade de expressar a riqueza do que me foi trazido pelos professores e alunos que participaram do curso, tanto por seu elevado nível acadêmico e profissional como por seu compromisso ético e político com a realidade social. Tentarei fazer uma reflexão sobre o papel da cooperação universitária num contexto internacional em mudanças, marcado por grandes desafios.

Essa não foi a primeira vez que desenvolvi um curso desse tipo. Mas, para mim, voltou a representar um avanço epistemológico e sociológico, bem como um novo questionamento sobre determinados paradigmas que foram, durante muito tempo, exportados por alguns poucos países. No campo das Ciências Sociais, realizar o esforço humano e científico de compreender outras realidades e outras culturas políticas é essencial para buscar novos paradigmas e poder avançar na direção de uma pesquisa e de uma cooperação igualitárias.

Às vésperas do século XXI, encontramos-nos num tempo marcado pela interdependência mundial e pela globalização. O mundo transforma-se numa aldeia de proporções planetárias que se manifesta numa interdependência na qual o que ocorre em qualquer lugar do planeta depende cada vez mais do que acontece em outros lugares do conjunto do sistema. A difusão das ciências e as tecnologias transmitem-nos a sensação de que vivemos num mundo único. Esse processo

de globalização coloca, para todos os países, desafios a serem superados.

A busca de alternativas apenas será possível como fruto de uma cooperação baseada na participação ativa e igualitária dos países e de suas instituições. As universidades e os centros de pesquisa podem contribuir na superação dos desafios atuais. As universidades – como centros de pesquisa e difusão da cultura – participarão do desenvolvimento dessas estratégias, por meio de diversas ações: a) intensificação da participação em redes internacionais de pesquisa; b) intercâmbio ativo de pessoal docente e pesquisadores; c) intercâmbio de alunos de ciclos superiores; d) desenvolvimento de projetos de pesquisa transnacionais.

Há muito tempo existem laços e projetos de cooperação entre diversas universidades de São Paulo e de Barcelona. Temos que encontrar formas para continuar aprofundando-os no campo das Ciências Sociais e dando-lhes novos conteúdos, pois somente no âmbito de uma cooperação igualitária poderemos avançar conjuntamente na busca de novos paradigmas.

Josep Pont Vidal

Professor de Sociologia da Universidad Autónoma de Barcelona (Espanha). Pesquisador do Centro de Estudios y Documentación de Minorias Etnicas (Cedime) e do Seminario de Análises de Políticas Sociales (Saps).

Tradução de Renée Zicman.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 6, 04/98.

COOPERAÇÃO INTERNACIONAL E CRESCIMENTO ACADÊMICO

HELOISA SZYMANSKI

A experiência de cooperação internacional aqui relatada iniciou-se durante a minha primeira estadia no Refugee Studies Programme (RSP) da University of Oxford (Reino Unido), em 1996. O RSP tem como objetivo central a promoção de estudos sobre a questão da migração, englobando todos os tipos de deslocamentos, em que populações se vêem obrigadas a buscar asilo fora de seus lugares de origem, seja por motivos econômicos, em função da implantação de projetos de desenvolvimento – como, por exemplo, a construção de represas –, seja por razões de guerra e perseguições de qualquer tipo.

Recebida como *research fellow*, tive acesso ao importante Centro de Documentação do RSP, que reúne o mais completo acervo sobre migração. Pude também constatar que muitas das condições de vida dos refugiados e outras populações forçadas a migrar – especialmente originárias da África e da Ásia – guardavam fortes semelhanças com a realidade dos moradores de favelas da periferia de São Paulo, onde, há muitos anos, venho desenvolvendo trabalhos de pesquisa.

As pessoas que vivem em favelas são, em sua grande maioria, migrantes que, procurando escapar das secas do Nordeste e da falta de emprego, vêm para São Paulo em busca de melhores condições de vida. Poder claramente percebê-las como migrantes representou uma importante mudança de direção em minhas pesquisas.

Nessa minha primeira estadia em Oxford, a então diretora do RSP, Dra. Barbara Harrell-Bond, uma das maiores autoridades em estudos sobre refugiados, mostrou-se muito interessada por meu trabalho, especialmente em função da inspiração teórica na proposta do educador Paulo Freire, que sempre marcou minha reflexão. No RSP, pude, inclusive, sen-

tir o impacto das idéias freirianas e o efeito seminal de seu pensamento no desenvolvimento dos estudos e pesquisas sobre populações oprimidas pela guerra, pela pobreza e pelas injustiças sociais.

Fruto dos resultados dessa cooperação com o RSP, a Dra. Harrel-Bond esteve na PUC-SP, com o apoio da Capes e do British Council, no segundo semestre de 1997. Sua visita teve um significativo efeito catalizador, integrando pesquisadores e profissionais das áreas de Psicologia, Sociologia, Antropologia, Direito e Ciências da Saúde, e lançando a idéia da criação de um Centro de Estudos Multidisciplinar sobre Migração na Universidade.

Assim, com a intenção de buscar subsídios para a montagem deste centro e de ampliar as atividades de cooperação já existentes, voltei uma vez mais a Oxford, em janeiro de 1998, com apoio da Fapesp. Essa segunda estadia, além de ter permitido o estreitamento de contatos com vários pesquisadores, abriu novas perspectivas de abordagens inter-institucionais da questão do deslocamento de populações, colocando concretamente a possibilidade de integrar, no projeto de cooperação entre a PUC-SP e o RSP, estudos desenvolvidos sobre realidades de outros países, como Angola e Moçambique, que, em seus processos de reconstrução pós-guerra, enfrentam problemas semelhantes de migração e pobreza.

Heloisa Szymanski

Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação da PUC-SP.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 7, 05/98.

INTERCÂMBIO INTERNACIONAL: UM PROCESSO DE PROFUNDO CRESCIMENTO E TRANSFORMAÇÃO INTERNA

MÔNICA AMERICANO LEITE HENRIQUES

Dezembro de 97. O telefone toca e a funcionária da Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais da PUC-SP comunica a aprovação de minha candidatura ao Programa de Intercâmbio Interuniversitário do governo da Espanha, por um período de dois meses, na Universidad de Santiago de Compostela.

Com recente ingresso no curso de mestrado em Gerontologia, surpreendi-me com essa oportunidade inesperada. Pela primeira vez passaria tanto tempo fora, em um país distante, com incertezas e desafios a serem enfrentados. A revolução interna apenas começava.

Assim, como que instantaneamente, vi-me, algum tempo depois, chegando na bela e medieval cidade de Santiago de Compostela, inserida em um novo contexto, procurando respostas para as novas e imediatas situações vivenciadas.

Hoje, de certa forma ainda perplexa, constato que essas novidades e diferenças me instrumentalizaram a buscar saídas nunca experimentadas. Era o que propiciava desenvolvimento e transformação. O desconhecido aos poucos se revelava, podendo ser explorado e, principalmente, vivido, abrindo caminho para novos conhecimentos, amizades e experiências de vida. Passados os primeiros dias, caminhava pelas ruas com autonomia, experimentando o prazer da descoberta do novo.

O programa de estudos desenvolvido junto ao Núcleo de Memória e Representações Mentais da Faculdade de Psicologia da Universidad de Santiago de Compostela foi especialmente enriquecedor pela oportunidade de ampliar a perspectiva com que abordava meu objeto de pesquisa, voltado para o estudo do processo de depressão em idosos. Também

abriu-me para a perspectiva teórica da questão da memória, tão fundamental para o entendimento das problemáticas que envolvem as vidas dos adultos maiores. Possibilitou-me, também, acesso a uma rica e extensa bibliografia, abrangendo publicações de diversos países europeus.

O convívio com colegas de outros países – ao lado dos espanhóis, havia, na Universidad de Santiago de Compostela, uma expressiva presença de estudantes dos Estados Unidos, Argentina, Panamá, Guatemala, Colômbia e Chile – e o crescente aprendizado na utilização da língua espanhola, possibilitaram também a ampliação da experiência para além das salas de aula e das bibliotecas, em direção a uma diversidade de lugares, pessoas, hábitos e culturas.

Por outro lado, assumir a responsabilidade de falar sobre o meu país era um exercício de cidadania. Um sentimento único que levava à reflexão acerca das minhas e das outras diferenças culturais, compreendendo-as melhor. Tive orgulho de ser brasileira.

Atualmente, acredito que participar de um programa de intercâmbio internacional produz profundas transformações pessoais, dada a multiplicidade de trocas entre pessoas de várias nacionalidades, costumes e crenças, que permitem o desenvolvimento de maior sensibilidade e autoconfiança para lidar com o novo. Existir em outra cultura é um privilégio, uma experiência inesquecível e também um importante trabalho de crescimento pessoal.

Mônica Americano Leite Henriques

Mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP (1997-1999).

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 8, 06/98.

COMUNICAÇÃO E MULTICULTURALISMO

NORVAL BAITELLO JUNIOR

O ensino da comunicação, hoje, muito além de preparar para a utilização de tecnologias que se renovam e se tornam obsoletas a cada dia, deve capacitar os profissionais para lidarem com temas complexos, sem reduzi-los a velhos estereótipos cheios de preconceitos. Impõem-se, portanto, uma atitude crítica e reflexiva, e a capacidade de ver o outro em sua completude, respeitando suas diferenças.

Com a crescente facilidade de locomoção e, sobretudo, com o acesso à informação possibilitado pelas tecnologias, fica muito claro que a ênfase deverá ser dada agora aos conteúdos, vale dizer, à qualidade da informação acessada e não mais ao seu simples acesso. Nesse sentido, experimentos de internacionalização das atividades acadêmicas afirmam-se como espaços privilegiados de construção desses novos paradigmas para o ensino da comunicação.

Concordando com esses princípios, a Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUC-SP e o Instituto de Jornalismo e Ciências da Comunicação da Universidade de Viena (Áustria) iniciaram um programa de intercâmbio propondo uma prática pedagógica da comunicação que diferencie os seus futuros profissionais pela capacidade de lidar com temas complexos.

O Programa Interuniversitário de Jornalismo Multicultural “Mídia e Minorias”, uma iniciativa educacional internacional e interdisciplinar, que conta também com a participação de Faculdades de Comunicação de Nova Orleans, México, Budapeste e Praga, parte do reconhecimento de que as Ciências da Comunicação têm um importante papel socio-cultural na afirmação de atitudes transculturais, especialmente por meio da criação de uma representação mais positiva e

de uma cultura mais solidária em relação às minorias junto à opinião pública.

Como parte desse programa, que pretende não apenas promover um intercâmbio de estudantes, mas também uma troca de idéias e, sobretudo, uma prática pedagógica da comunicação voltada para um dos mais importantes temas da atualidade – o multiculturalismo –, a Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUC-SP recebeu, em junho passado, 18 estudantes de jornalismo da Universidade de Viena, acompanhados do diretor do Instituto de Jornalismo e Ciências da Comunicação, professor Thomas Bauer, e de um repórter da TV Áustria. Neste segundo semestre, um grupo de estudantes da PUC-SP irá a Viena, elaborando matérias jornalísticas – em vídeo, áudio e impressas – sobre o tema multiculturalismo e minorias.

Norval Baitello Junior

Diretor da Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUC-SP (1998-2001).

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional nº 9**, 08/98.

A EXCLUSÃO SOCIAL: REFLEXÕES A PARTIR DE UM PROJETO DE COOPERAÇÃO

SERGE PAUGAM

A visão que um sociólogo europeu tem da pobreza no Brasil está quase sempre associada à imagem das favelas. Essas realidades foram efetivamente objeto de inúmeros estudos, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, traduzindo o peso da miséria em uma sociedade em desenvolvimento com imensas desigualdades. Percebe-se, entretanto, que a pobreza dos moradores desses bairros miseráveis já não é mais a única forma de pobreza existente no Brasil. Existe outra, ainda pior, a das “populações de rua”, expressão que na França corresponde aos “sem domicílio fixo”, os SDF. Mesmo sem estatísticas precisas, esse fenômeno assumiu importância crescente nos últimos anos, como atestam os estudiosos e os agentes sociais que se ocupam dessas populações.

Seria interessante comparar as formas atuais de pobreza e de exclusão existentes no Brasil e na Europa partindo da hipótese de que, no Brasil, particularmente em São Paulo, a pobreza ganha contornos diferentes em função das especificidades de sua estrutura social, marcada por fortes desigualdades, das características do desenvolvimento econômico e do mercado de trabalho, da ausência de intervenção dos poderes públicos junto às populações desfavorecidas e do papel desempenhado pelas solidariedades familiares.

Nos países ditos “subdesenvolvidos”, as populações consideradas “pobres” não chegam a caracterizar o que os anglo-saxões chamam de *underclass*, formando antes um grupo social ampliado. Sua presença é tão marcante que se tende a reconhecer, nessas populações, menos o problema de um grupo social específico do que o de uma região ou de uma cidade que sempre teriam sido pobres. O debate social e político organiza-se em torno da questão geral do desenvolvimento econômico, social e cultural e das desigualdades sociais,

especialmente as ligadas às migrações urbanas. No imaginário coletivo, a pobreza da população aparece como um fenômeno quase inevitável, vivido como uma fatalidade.

Entretanto, como os “pobres” não chegam a formar uma categoria social residual, parecem receber estigmas diferentes daqueles das parcelas de população que hoje, na maioria das sociedades européias, dependem da Assistência Social. Os estudos realizados em inúmeras favelas mostram que parte de seus moradores, mesmo apresentando um nível de vida bastante precário, permanecem de certa forma integrados em redes sociais organizadas em torno da família e do bairro.

Mas será que essas relações ainda conservam a força da amizade e das solidariedades das pequenas cidades ou se vêm enfraquecidas pela introdução de relações comerciais na gestão dos contratos habitacionais e pelo desenvolvimento da violência nas áreas metropolitanas? As elevadas taxas de desemprego nas áreas urbanas conferem aos desempregados um estatuto social desvalorizado? Qual tem sido o papel da economia informal nesse processo de integração/exclusão social?

Para verificar essas hipóteses e responder a essas e outras questões, pesquisadores do Institut d'Études Politiques de Paris (França) e da PUC-SP, por intermédio dos Programas de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Psicologia Social e Serviço Social, sob coordenação da professora Maura Pardini Veras, do Núcleo de Estudos e Pesquisas Urbanas – Nepur, elaboraram um projeto de pesquisa a partir da metodologia utilizada no Panel Communautaire des Ménages*, a ser aplicada ao conjunto das camadas sociais da população de São Paulo – e não apenas junto àquelas consideradas

* Painel Comunitário de Famílias, pesquisa realizada a partir de 1994, em todos os países da União Européia, visando apreender, de forma dinâmica, as desigualdades sociais e os processos de exclusão.

pobres –, visando apreender a estrutura social em sua globalidade e em sua evolução.

Estou plenamente convencido de que, além de fornecer instrumentos pedagógicos para o ensino dos métodos quantitativos em Ciências Sociais e bases de dados para pós-graduandos e pesquisadores, esse estudo também trará avanços significativos para a pesquisa básica em Ciências Sociais, a cooperação universitária e a formulação de novas políticas sociais.

Serge Paugam

Diretor de Pesquisa do Centre National de la Recherche Scientifique – CNRS (França).

Tradução de Renée Zicman.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional nº 10**, 09/98.

COLÉGIO DAS AMÉRICAS: UMA EXPERIÊNCIA INESQUECÍVEL

RUI DA SILVA SANTOS

No final de 1997, quando me preparava para iniciar o último ano do curso de Relações Internacionais da PUC-SP, passei a sentir falta de participar de uma experiência internacional mais prolongada, em que pudesse aplicar meus conhecimentos e vivenciá-los mais profundamente. Foi nesse momento que surgiu a possibilidade de me candidatar a uma bolsa de estudos para um seminário do Colégio das Américas, no Canadá. Os requisitos exigidos eram a compreensão de textos escritos e palestras em francês e o pagamento da passagem aérea internacional e do seguro-saúde, uma vez que os deslocamentos locais, a estadia e o alojamento seriam oferecidos pelo programa promotor.

Com o apoio da Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais, que me assessorou em todas as etapas preparatórias, e o concurso do Departamento de Francês da PUC-SP, reconhecendo minha proficiência na língua francesa, resolvi arriscar. E ao receber a confirmação da aprovação de minha candidatura, juntei minhas economias, parcelei a passagem e parti no início de agosto para Montreal.

Durante três semanas, ao lado de mais de 30 estudantes das diferentes especialidades e oriundos de universidades de toda a América, filiadas à Organização Universitária Interamericana – OUI, muito bem recepcionados por Patrícia Gudiño e sua equipe, participamos do Seminário Interamérica – A Integração das Américas: Questões e Perspectivas, promovido pelo Colégio das Américas e realizado em Montréal, Québec e Ottawa, com organização da Université de Montréal, em colaboração com a Université Laval, a McGill University, a University of Ottawa e a Université du Québec à Montréal (Canadá), que privilegiou o tema da integração continental e abordou, numa perspectiva transdisciplinar, aspectos polí-

ticos, econômicos, sociais, culturais, jurídicos, ambientais e geoestratégicos dos processos de integração.

Fundado em novembro de 1997, por iniciativa da Organização Universitária Interamericana e com patrocínio da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional e dos governos dos países americanos, o Colégio das Américas, presidido pelo professor Paulo Alcântara Gomes, ex-reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem o objetivo de estimular pesquisas e formar jovens e profissionais numa perspectiva interamericana, sensibilizando-os para as diversas dimensões da realidade das Américas. Ao promover os Seminários Interamérica, reunindo estudantes da região, procura fomentar o diálogo entre os futuros intelectuais, dirigentes, trabalhadores, ambientalistas, médicos, diplomatas, economistas e advogados das Américas, preparando-os para o exercício de tomada de decisão nos países.

No plano pessoal, participar do I Seminário Interamérica do Colégio das Américas no Canadá – os próximos estão previstos para Bolívia, Costa Rica e Argentina –, ofereceu-me oportunidade para fazer um balanço, uma reflexão sobre a vida, os amigos, a família e, principalmente, sobre o Brasil. A sensibilidade em relação à realidade humana e à nossa terra aumenta quando ficamos longe de nossas raízes. O mais interessante dessa experiência foi o intenso convívio que pude ter com jovens que possuíam as mesmas dúvidas, inquietações e vontade de transformar o futuro.

Como foi dito no discurso de encerramento do seminário, apresentado em quatro idiomas – cuja parte em português tive o privilégio de redigir –, o maior tesouro que os estudantes participantes levavam eram os frutos dessa reflexão, o sentimento de amizade e a frágil esperança de poderem ser imitados por seus povos e governantes. É difícil, mas não podemos acreditar que seja impossível.

Rui da Silva Santos

Aluno do curso de Relações Internacionais (1995-1998).

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 11, 10/98.

INTERCÂMBIO INTERNACIONAL: UM ESPAÇO DE QUALIFICAÇÃO ACADÊMICA

MAURA PARDINI VÉRAS

LUCIA BÓGUS

Desde outubro de 1996, o Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, por meio do Núcleo de Estudos e Pesquisas Urbanas (Nepur), integra o projeto Sustainable Development in an Urbanised World – SDUW, que visa treinar profissionais latino-americanos e europeus em gestão e planejamento urbano, com ênfase em questões de meio ambiente.

Desenvolvido no âmbito do Programa Alfa (América Latina Formação Acadêmica) da Comissão Européia, o projeto é coordenado pela University of Liverpool (Reino Unido) e conta também com a participação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Universidad Nacional del Nordeste (Argentina), Instituto Superior Técnico de Lisboa (Portugal), Universidad Politécnica de Madrid (Espanha) e Université Pierre Mendès France (França).

Como unidade coordenadora da Rede SDUW na PUC-SP, o Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais realizou processo de seleção de estudantes da área de Ciências Humanas. Foram selecionados a mestranda em Ciências Sociais Virgínia Baglini Chiaravallotti e o mestrando em Serviço Social Evandro Prestes Guerreiro, que desenvolverão, a partir deste mês, programa de intercâmbio no Centro de Estudos Urbanos e Regionais (Cesur), do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, nas áreas de Planejamento Urbano e Regional, Sustentabilidade e Gestão do Território. No primeiro semestre de 1999, a PUC-SP também receberá dois mestrandos dessa instituição portuguesa e um aluno da Universidad Nacional del Nordeste, Argentina,

que realizará atividades complementares a programa desenvolvido na PUC-Campinas.

Ações dessa natureza, apoiadas por programas multilaterais de cooperação internacional, trazem benefícios indiscutíveis para a comunidade acadêmica. Os estudantes participantes têm a oportunidade de vivenciar experiências internacionais e de entrar em contato com novas abordagens em suas áreas de conhecimento. Além disso, a presença de estudantes estrangeiros em nossas universidades amplia a salutar diversidade cultural dos meios acadêmicos.

A partir dos contatos e das experiências resultantes desse programa de intercâmbio, novas atividades podem ser concretizadas, por meio de outras modalidades de cooperação entre as universidades participantes do projeto. Abrem-se espaços privilegiados para a consolidação de uma cultura internacionalista em nossas unidades acadêmicas, cada vez mais fundamental para a qualificação das atividades universitárias.

Maura Pardini Véras

Vice-Presidente da Comissão Geral de Pós-Graduação da PUC-SP (1994-2001).

Reitora da PUC-SP (2005-2008).

Lucia Bógus

Coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP (1995-2003).

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 12, 11/98.

UMA RICA EXPERIÊNCIA COMO PROFESSOR VISITANTE

MARIA ANGELA BARBATO CARNEIRO

Em maio de 1998, com o apoio da Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais da PUC-SP, participei do Programa de Cooperação Interuniversitária do governo Espanhol, como professora visitante na Universidad de Alcalá (Espanha), na área de formação de professores.

Desde o início, o encontro com os pesquisadores espanhóis mostrou-se muito enriquecedor, especialmente com o professor Mario Martín Bries, vice-diretor do Departamento de Educação e responsável pelo setor de Organização Escolar e Didática.

Meu programa de trabalho previa a realização de atividades didáticas com alunos do curso de Formação no Magistério, especialmente com último-anistas de Licenciatura. O público praticamente desconhecia a realidade de países como o Brasil, principalmente no que diz respeito à questão educacional.

Também participei, como debatedora, da VI Jornada de Calidad, em torno da temática da melhoria do ensino no século XXI. Destaquei o fato de que, enquanto, na Espanha, alguns problemas educacionais já haviam sido superados, no Brasil, apesar das transformações experimentadas, ainda se está longe de eliminar o analfabetismo e oferecer uma educação pública de qualidade. A superação dessa realidade passa, obrigatoriamente, pela valorização do professor, pela existência de uma infra-estrutura adequada e pela necessidade de um planejamento que contemple as diferentes realidades do país.

Visitei ainda dois centros de apoio pedagógico. No Centro de Enseñanza Fundamental y Media, em Alcalá de Henares, encontrei uma equipe interdisciplinar que oferecia suporte técnico pedagógico para acompanhamento do

trabalho docente, por meio de sugestões, grupos de estudos e *workshops*. No Centro de Educación Infantil, em Tres Cantos, os profissionais atuavam também na área de educação especial, buscando a integração dos alunos portadores de deficiências.

No Ministério da Educação e Cultura, pude verificar o relevante papel que a educação ocupa no estabelecimento de políticas públicas na Espanha, com o ensino fundamental de qualidade, que atende toda a demanda, e a educação infantil, oferecida a 70% da população.

Em todos esses contatos, chamou-me a atenção o valor atribuído ao ensino público e à participação da população nas várias instâncias da tomada de decisões, especialmente na unidade escolar. O Estado cumprindo sua função ao oferecer equidade e qualidade na educação para todos; a sociedade civil fiscalizando a atuação do poder público por meio de uma gestão participativa; os recursos sendo otimizados e utilizados cooperativamente pelos profissionais de cada unidade, beneficiando todos os envolvidos.

Essa experiência internacional reforçou em mim a certeza do potencial dos programas de cooperação com instituições de outros países. Novas atividades já estão sendo desenvolvidas entre a PUC-SP e a Universidad de Alcalá, inclusive com a vinda do professor Mario Martín Bries a São Paulo e o meu retorno a Alcalá, tentando buscar alternativas que contribuam para a melhoria da qualidade do processo de formação de educadores, ante as novas mudanças e exigências colocadas.

Maria Angela Barbato Carneiro

Professora da Faculdade de Educação da PUC-SP.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional nº 13**, 03/99.

RESULTADOS DE UMA COOPERAÇÃO FRANCO-BRASILEIRA

TÂNIA MARIA MENDONÇA CAMPOS

Com apoio do Acordo Bilateral Capes-Cofecub, o Centro de Ciências Exatas e Tecnologia – CCET da PUC-SP participa, desde 1990, do projeto Didática da Matemática.

Esse projeto tem o objetivo de melhorar o processo de ensino-aprendizagem da matemática nos níveis fundamental, médio e superior, e, além da PUC-SP, envolve também, do lado brasileiro, a Universidade Federal de Pernambuco e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; do lado francês, a Université Denis Diderot – Paris VII, Université de Franche-Comté (Besançon), Université Joseph Fourier (Grenoble), Université de Lille e Université de Montpellier.

Por meio da formação de recursos humanos, da realização de pesquisas conjuntas centradas na sala de aula para melhorar a compreensão do desenvolvimento cognitivo dos alunos e da realidade escolar, além da consolidação de centros de excelência de pesquisa e de formação continuada em didática da matemática, essa cooperação franco-brasileira propiciou a implantação de novos referenciais teóricos para o ensino da matemática no Brasil, trazendo importante contribuição para a abordagem do processo ensino-aprendizagem.

Com repercussões na pesquisa acadêmica, na formação continuada e na avaliação de currículos e programas, o projeto procura mostrar que toda construção de significado em matemática tem, necessariamente, que levar em consideração os contextos sociais em que os processos são gestados e identificar os obstáculos à compreensão, principalmente os decorrentes da transposição dos conteúdos matemáticos para a escola.

Com expressiva produção acadêmico-científica,* o grupo de estudiosos e pesquisadores brasileiros participantes

* De 1990 a 1998, foram publicados 135 artigos em congressos, 41 artigos em revistas, 34 capítulos de livros e cinco livros; realizadas 234 participações

do projeto Didática da Matemática tem tido importante atuação em Comissões do Ministério da Educação, no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq/MCT, nas Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (FAPs) e em Sociedades Científicas, trazendo significativas contribuições para o estabelecimento de políticas públicas na área de ensino da matemática.

Além de ter gerado novas linhas de pesquisa, o projeto Didática da Matemática ainda foi responsável pela criação, a partir da experiência francesa dos Instituts de Recherche sur l'Enseignement des Mathématiques (IREMs), do Programa de Estudos e Pesquisas no Ensino de Matemática da PUC-SP (Proem). Esse importante centro de pesquisa e formação continuada atua em diferentes programas e atividades que buscam a melhoria da qualidade do ensino. Entre eles, destacam-se o Projeto Promatemática, desenvolvido, com apoio da Fapesp, no âmbito da Cooperação Educacional Brasil-França e da Secretaria de Ensino Fundamental do MEC, o Programa de Educação Continuada, que atingiu 2.000 professores da rede pública estadual em 1997/98 e o Programa Pró-Ciências, que, com o apoio da Capes e da Fapesp, capacitou 550 professores de matemática do ensino médio.

Esses resultados positivos também têm redundado em outros projetos e parcerias interinstitucionais, envolvendo os diferentes grupos das instituições participantes e comprovando a riqueza das experiências de cooperação internacional. Um dos mais importantes é a representação, na PUC-SP, do *software* Cabri-Géomètre, desenvolvido pela Université Joseph Fourier, que, por meio de uma abordagem dinâmica

em seminários ou encontros e mais de 50 participações em comitês de organização de congressos e de conselhos editoriais; efetuadas 34 missões de trabalho, seis missões de doutorado e duas missões de avaliação; e defendidas 21 teses de doutorado e dissertações de mestrado.

e diferenciada, possibilita a melhoria do ensino de geometria. Mais de 7.500 unidades já foram comercializadas no Brasil.

Tânia Maria Mendonça Campos

Diretora do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia da PUC-SP (1989-2005).

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 14, 04/99.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS COMO CONFLUÊNCIA DE SABERES NA PUC-SP

PAULO-EDGAR A. RESENDE

A Universidade é lugar de relevo na interpretação do movimento da realidade. Participamos hoje, de uma forma ou de outra, de processo histórico acelerado, em que, econômica, política, social e culturalmente, interseccionam-se povos de várias procedências. Em tal contexto, a universidade brasileira necessita redescobrir-se em sua ciência, em suas responsabilidades de centro de conhecimento.

As Relações Internacionais no Brasil nunca chegaram ao grande debate acadêmico, como era de se supor, permanecendo na condição de assunto quase exclusivo do Itamaraty. Mesmo no âmbito do Poder Legislativo, as Comissões de Relações Exteriores não tiveram o dinamismo delas esperado. Isso também pode ser observado em nossa grande imprensa.

De alguns anos para cá, no entanto, a universidade brasileira tem dado importante salto qualitativo. Multiplicam-se as iniciativas de ensino, pesquisa e extensão diante da agenda internacional. Eventos, projetos de pesquisa, participações em congressos e publicações sobre temas da realidade internacional são desenvolvidos, *pari passu* com o surgimento de novos cursos de Relações Internacionais, de diferentes níveis acadêmicos. Criam-se até saudáveis disputas e debates quanto à necessidade de currículo mínimo para a graduação, tal a diferenciação entre os percursos curriculares propostos e as condições concretas de suas realizações, tendo como base a qualificação docente.

A PUC-SP participa desse dinamismo acadêmico de modo qualificado. Sua grande contribuição baseia-se em orientação que procura evitar perspectivas corporativo-acadêmicas, colocando os estudos e pesquisas em camisas-de-força. Nossa Universidade assume as Relações Internacionais, não como área de saber, no sentido estrito de sua estruturação

enquanto disciplina. Universidade plantada no mundo atual, a PUC-SP dá ênfase à transdisciplinar confluência de saberes e estabelece o grande diálogo acadêmico, tendo diante de si a multifacetada agenda internacional.

Essa é mais uma significativa contribuição da PUC-SP, que procura fugir de outro tipo de estreitamento epistemológico, decorrente do confinamento bibliográfico, como se Relações Internacionais fossem “disciplina norte-americana”. Sem deixar de atentar para a relevante produção acadêmica norte-americana sobre a realidade internacional contemporânea, os alunos e professores da PUC-SP acompanham o que ocorre academicamente em outras regiões do mundo, assumindo a agenda internacional como desafio teórico-metodológico.

Sem pretender enumerar tudo o que vem sendo realizado na PUC-SP em Relações Internacionais, destacamos a implantação do curso de graduação de Relações Internacionais, proposta multidisciplinar com eixo ordenador nas Ciências Políticas, que formou sua primeira turma em 1998 e se desenvolve em estreita intersecção com a área de concentração do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais.

Passo importante também será dado com a criação do Observatório de Relações Internacionais, que, com apoio da Capes, contará com Sistema de Banco de Dados, Câmara Junior, Carta de Conjuntura Internacional e Seminários Internacionais.

Paulo-Edgar de Almeida Resende

Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 15, 05/99.

LAEL-PUC-SP: UMA TRAJETÓRIA INTERNACIONAL

MARIA ANTONIETA ALBA CELANI

Desde a sua criação, em 1969, o Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (Lael/PUC-SP) considerou essencial para o seu desenvolvimento o intercâmbio com outros pesquisadores e instituições, no país e no exterior.

Em 1974, firmou o primeiro convênio internacional com o British Council, que, durante seis anos, propiciou a rica contribuição do professor visitante Maurice Broughton e resultou na elaboração do Projeto Nacional Ensino de Inglês Instrumental em Universidades e Escolas Técnicas Brasileiras. Desenvolvido de 1980 a 1989, com a colaboração do British Council e da Capes, transformou-se em programa nacional auto-sustentado, envolvendo atualmente cerca de 70 instituições de níveis superior e médio.

Desse projeto também decorreu, no âmbito do Acordo Capes-British Council, a cooperação com a University of Liverpool (Reino Unido), para o desenvolvimento do Projeto Development of International Research in English for Commerce and Technology (Direct). Além da rica produção científica – 37 Working Papers, vários artigos em periódicos científicos e capítulos em livros, no Brasil e no exterior –, também ofereceu a possibilidade de formação de mestrandos e doutorandos do Lael-PUC-SP em Liverpool.

Ainda como fruto desse projeto, de 1991 a 1996, com apoio da Fapesp, ampliou-se o âmbito das pesquisas, acrescentando-se o estudo sobre os discursos do mundo empresarial. Dali também, de certo modo, derivou o Projeto Atividades de Linguagem na Situação de Trabalho, coordenado pela professora Maria Cecília Pérez de Souza e Silva, em

cooperação com centros de pesquisa franceses, no âmbito do acordo internacional Capes-Cofecub.

O Projeto Direct, agora denominado Em direção à Linguagem dos Negócios e coordenado pela professora Leila Barbara, mantém também cooperação com a Universidad del Norte (Barranquilla, Colômbia), para o desenvolvimento de pesquisas conjuntas, assessorias, orientações didáticas e acolhida de doutorandos. Atua ainda em colaboração com a Universidade de Lisboa (Portugal) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, dentro do acordo Capes-ICCIT (Portugal), em projeto que visa apreender fatores culturais em reuniões de negócios.

Desde 1994, o Lael/PUC-SP também mantém importante cooperação com a Université de Genève (Suíça), coordenada pela professora Roxane Rojo, incluindo visitas anuais de pesquisadores, publicações conjuntas, estágios de pós-doutorado e doutorados-sanduíche.

O Lael/PUC-SP ainda desenvolve parceria com a Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa de São Paulo, no programa A Formação Contínua do Professor de Inglês: um Contexto para a Reconstrução da Prática. Coordenado pela professora Maria Antonieta A. Celani, esse projeto visa a melhoria do ensino de inglês na rede pública do estado de São Paulo e, atualmente, atinge cerca 500 professores da capital. A partir de agosto de 1999, com participação da Unesp e do Eric – English Resource and Information Centre, será estendido ao interior do estado, por meio de cursos de capacitação em língua inglesa à distância. Para tanto, será implantado no Lael/PUC-SP um pólo tecnológico com conexão internet, integralmente financiado pela Cultura Inglesa de São Paulo e gerenciado por equipe técnico-acadêmica coordenada pela professora Heloisa Collins.

Além dessas parcerias, novas cooperações iniciam-se na área da Lingüística do *Corpus*, por iniciativa do professor Antonio Paulo Berber Sardinha. Com a Université Catholique de Louvain (Bélgica), tem-se o objetivo de coletar e analisar

a escrita de alunos brasileiros de inglês como língua estrangeira, visando compor um *corpus* armazenado a partir de 15 centros mundiais. Com a University of Surrey (Reino Unido), pretende-se produzir e aprimorar ferramentas de análise computacional do português brasileiro.

Variedade de áreas, de países, de tipos de cooperação e de parcerias, cada modalidade cumprindo um propósito dentro da vasta gama multifacetada de pesquisa em Lingüística Aplicada desenvolvida pelo Lael/PUC-SP, envolvendo seus professores, pesquisadores e alunos.

Maria Antonieta Alba Celani

Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC-SP.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 16, 06/99.

APRENDENDO E PRODUZINDO VÍDEO EM NOVA YORK

JULIO WAINER

No último mês de julho, seis alunos de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUC-SP participaram de curso de vídeo oferecido pela Downtown Community TV-DCTV (www.dctvny.com), em Nova York, EUA.

Fundado por Jon Alpert e Keiko Tsuno, na efervescência dos anos 70, esse centro de mídia produz documentários para exibição nas redes NBC, HBO, NHK, RAI, entre outras, ao mesmo tempo em que ensina a arte e a técnica do vídeo a iniciantes jovens e adultos com preocupações sociais. Ganhadora de 10 EMMYs e de vários prêmios internacionais, a DCTV sempre se manteve fiel à sua filosofia educacional e seu compromisso político, não sucumbindo à voracidade da mídia norte-americana. Muitos de seus alunos também têm sido premiados no National Educational Film & Video Festival e no San Francisco International Film Festival, com exibições no Museu de Arte Moderna de Nova York – Moma.

Celebrando uma parceria interinstitucional de quase dez anos, o programa de estudo, formulado conjuntamente pela Faculdade de Comunicação e Filosofia e pela DCTV, com apoio da Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais da PUC-SP, ofereceu, durante três semanas, 75 horas de atividades técnicas – câmera, áudio, iluminação, *digi-doc* (produção em vídeo digital) e edição em AVID (o melhor sistema de edição digital). Promoveu também sessões de vídeos para formação de uma videografia mínima comum e a produção de vídeo-documentário sobre a política de segurança pública implantada na cidade de Nova York, conhecida como “Tolerância Zero”, tema previamente escolhido pelo grupo.

Alojados em apartamentos fornecidos pela DCTV, os estudantes ficaram imersos em atividades de vídeo, na cidade mais exuberante em mídia que se conhece. Visitaram

ainda centros de mídia, grandes e pequenas TVs, ONGs que ensinam vídeo, TVs comunitárias e universidades, aproveitando ao máximo as 16 horas de luz do dia que a Nova York oferece no verão.

A pedagogia de ensino de vídeo da DCTV é a mesma utilizada na Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUC-SP: aprender fazendo, inspirar-se observando o que outros já fizeram e compartilhar com aqueles em estágio de aprendizado equivalente. Os estudantes da PUC-SP estiveram na DCTV na mesma época que um grupo de jovens da Sibéria, o que proporcionou, por alguns dias, um rico diálogo intercultural São Paulo-Nova York-Tomsk.

A professora Tatiana Loureiro participa também desse projeto da PUC-SP com a DCTV. Formada em Jornalismo por nossa Universidade, conheceu Jon Alpert quando ele participou de uma mostra organizada pela Videoteca da PUC-SP, em 1992. Com o seu incentivo, foi desenvolver estágio em Nova York e, atualmente, ocupa a chefia de treinamento da DCTV, ensinando adolescentes a produzir vídeos e realizando seus próprios trabalhos.

Esse programa de estudo traduz a política de cooperação internacional que vem sendo implantada na Faculdade de Comunicação e Filosofia, oferecendo a seus estudantes oportunidades de aprendizado, práticas e contatos que marcarão suas futuras atividades pessoais e profissionais.

Julio Wainer

Professor do Departamento de Comunicação Jornalística da Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUC-SP.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional nº 17**, 08/99.

INTERCÂMBIOS CONSOLIDAM HISTÓRIA DA CIÊNCIA NA PUC-SP

ANA MARIA ALFONSO-GOLDFARB

O Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência da PUC-SP (HIC), que recentemente teve seu mestrado credenciado pela Capes, deve parte de seu reconhecimento à extensa rede de contatos e intercâmbios internacionais que mantém.

Com origem no Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência (Cesima), fundado em 1994 junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, que reunia também pesquisadores de outros importantes centros universitários do Brasil, o HIC é o único programa de pós-graduação do país que oferece mestrado em História da Ciência.

Seus pesquisadores e docentes sempre souberam reconhecer a importância da cooperação internacional. Desde 1989, mantêm intercâmbio com o professor Allan Debus, um dos mais renomados historiadores da ciência, do Morris Fishbein Center for the History of Science and Medicine da Chicago University (EUA). Para o sucesso desse intercâmbio, tem sido também fundamental o apoio do professor Daniel Garber, vice-reitor acadêmico da Chicago University. Esses dois pesquisadores já estiveram inúmeras vezes na PUC-SP e têm acolhido pesquisadores do Cesima em seu importante Centro.

A ambos devemos, inclusive, os desdobramentos desse intercâmbio a outros centros norte-americanos, na forma de doutorados-sanduíche, pesquisas pós-doutorais e outras modalidades. Entre eles, destacam-se o Study Center for the History of Science e o Study Center for the History of Medicine da Johns Hopkins University, bem como institutos e centros ligados à University of Wisconsin (Madison),

University of Delaware, University of California (Davis) e Harvard University.

Outro importante núcleo de contatos acadêmico-científicos organiza-se em torno da Rede de Intercâmbios para a Epistemologia e a História das Ciências Químicas e Biológicas (RIEHCQB), com sede no México, sob coordenação da professora Patricia Aceves, reitora da Universidad Autónoma Metropolitana – Unidad Xochimilco (México).

Contando com várias ramificações – na Universidad Autónoma Nacional, Universidad Autonoma de Puebla (México), no Departamento de Estudios Historicos de la Ciencia do Conicet (Argentina), na Facultad e Museo de Farmacia da Universidad Complutense de Madrid e no Centro de Estudios en História e Filosofia de la Ciencia da Universidad de Alcalá de Henares (Espanha), no Gabinete de Estudios Históricos e Sociales de Farmácia e no Centro de História da Ciência da Universidade de Lisboa (Portugal), na Université de Paris X, no Musée National d’Histoire Naturelle e no Musée de la Science et de la Technologie La Villette (França) –, a rede promoveu, desde 1993, sete encontros internacionais, tendo publicado cinco volumes de trabalhos.

Na área das ciências mezo-orientais medievais, o HIC tem desenvolvido frutíferos intercâmbios com o Centro de Estudios en Lenguas Orientales da Universidad Autónoma de Madrid (Espanha), o Centre de Recherche en Histoire et Epistémologie de la Science do CNRS (Paris, França), a University of Bar-Ilan (Tel Aviv, Israel) e o Oriental Institute da Chicago University (EUA).

Mantém ainda intercâmbios freqüentes com o Department of History and Philosophy da Cambridge University (Reino Unido), com o Centro de Investigaciones da Facultad de Filosofia e Humanidades da Universidad Nacional de Cordoba (Argentina) e com a Università di Roma II e a Università di Firenze (Itália).

Esse amplo leque de intercâmbios tem resultado em inúmeras publicações, apresentações em seminários e

congressos e pesquisas conjuntas, envolvendo estudiosos da PUC-SP e de instituições estrangeiras.

Como fruto do esforço dos pesquisadores ligados ao Cesima e ao HCI, os resultados obtidos também expressam o incentivo e o entusiasmo que esses intercâmbios têm recebido na PUC-SP e nas agências de fomento à pesquisa.

Ana Maria Alfonso-Goldfarb

Coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência da PUC-SP (1997-2005).

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 18, 09/99.

CONVERGÊNCIA DE OLHARES HISTÓRICOS HISPANO-AMERICANOS

ADILSON JOSÉ GONÇALVES

YVONE DIAS AVELINO

A História e a Historiografia têm, no diálogo interdisciplinar e interinstitucional, sua mais fecunda orientação. É impossível pensar a produção do conhecimento nessas áreas sem dimensionar o sentido plural dos fenômenos sociais na sua historicidade e sem cotejar diferentes pontos de vista, abordagens, enfoques e perspectivas analíticas.

Isso é ainda mais verdadeiro quando nos referimos à historiografia, ao patrimônio, aos arquivos e aos blocos documentais inventariados pelos latino-americanistas. Apesar da origem comum das formações sociais latino-americanas, a partir do colonialismo e das injunções do imperialismo, as diferenças são marcantes, quer no âmbito das estruturas de poder, das formulações ideológicas e das dinâmicas econômicas e culturais.

Além dos vínculos mantidos com pesquisadores da própria América, a experiência de dialogar com especialistas europeus, principalmente da Espanha, é ímpar. A possibilidade de abordar a latino-americanidade a partir do olhar “colonizador” é fundamental para um entendimento mais aprofundado das questões presentes no fazer-escrever-ensinar história da América Latina na Universidade.

Isso pode ser realizado com a recente participação da professora Adelaida Sagarra Gamazo, da Universidade de Burgos, Espanha, no Núcleo de História Social da Cidade (Nehsc) do Departamento de História, com o apoio da Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais da PUC-SP, no âmbito do Programa de Cooperação Interuniversitária do governo espanhol.

Sua estadia trouxe contribuições muito significativas para a área de História da América. Nos dois cursos promovi-

dos – Historiografia Latino-Americana e Patrimônio histórico da América Latina –, a professora Sagarra Gamazo destacou a função social da história e revisitou a teoria da história, os desdobramentos historiográficos e as bases epistemológicas da trajetória histórica, filosófica e intelectual do continente latino-americano.

Cumprindo intensa agenda de atividades, a professora também acompanhou trabalhos, promoveu duas oficinas, participou de encontros com integrantes do Neusc e proferiu palestras sobre Patrimônio Histórico e Tendências da Historiografia Latino-Americana nas Instituições Europeias. Durante sua estadia, fez questão de inteirar-se do cotidiano da cidade de São Paulo, percorrendo-a de diversas formas e sob diferentes óticas.

Participou ainda de atividades em outras instituições de ensino e pesquisa, em São Paulo e na Bahia, mostrando-se sempre positivamente impressionada com o nível de nossos pesquisadores e estudantes.

A professora Sagarra Gamazo retornou à Espanha com uma agenda de propostas de cooperação, que inclui intercâmbios de publicações, professores, estudantes e o desenvolvimento de projetos conjuntos. A qualidade do programa desenvolvido demonstra a riqueza da cooperação internacional, cada vez mais reafirmada como elemento intrínseco à prática acadêmica-científica.

Adilson José Gonçalves

Yvone Dias Avelino

Professores do Departamento de História e Coordenadores do Núcleo de Estudos de História Social da Cidade da PUC-SP.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 19, 10/99.

GESTÃO UNIVERSITÁRIA E PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA ENTRE BRASIL E CANADÁ

NEUSA MARIA B. F. SANTOS

O processo de internacionalização, mesmo consolidando-se como uma das principais tendências do ensino superior no século XXI, enfrenta dificuldades para se implantar. A PUC-SP, com o suporte da Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais, tem se firmado como um excelente e expressivo espaço acadêmico que privilegia o crescimento institucional e individual na busca de uma cultura internacionalista.

Em meados de 1997, como pesquisadora do CNPq, fui selecionada pela Embaixada do Canadá para participar, durante quatro meses, como *Visiting Professor* no intercâmbio Faculty Research Program. Com apoio do International Council for Canadian Studies (ICCS), o projeto *Managing Globalization in Academic Institutions: Learning from Canada* foi desenvolvido em parceria com os professores Cynthia Hardy e Henry Mintzberg, ambos da McGill University.

O principal objetivo da pesquisa foi buscar ferramentas para melhor compreender e analisar o processo de internacionalização no ensino de Administração, visando quatro objetivos principais: a) avaliar a infra-estrutura de ensino, pesquisa e extensão em Administração, explorando a oferta e a adequação dos programas de graduação, pós-graduação e educação continuada no atendimento das diferentes demandas setoriais; b) levantar metodologias de identificação das habilidades fundamentais do administrador moderno para sua inserção no mercado de trabalho atual; c) entender as variáveis do contexto acadêmico-organizacional (estrutura, processo, estratégia e cultura) como elementos facilitadores ou bloqueadores da internacionalização; e d) identificar as variáveis operacionais do contexto acadêmico que podem e

devem ser incorporadas aos modelos da instituição acadêmica brasileira na implantação e gerenciamento do processo de internacionalização.

Como atividade complementar, visitei a Organização Universitária Interamericana (OUI), em Sainte Foy, Québec, com o objetivo de conhecer o Projeto OUI-2000, que inclui as novas orientações do governo canadense em termos de cooperação internacional para a educação em Administração.

O resultado final do programa foi realmente excepcional, agregando expressivo valor na definição da visão estratégico-institucional para a cooperação internacional. Em função das metas atingidas, a PUC-SP foi indicada pela Embaixada do Canadá para sediar, em São Paulo, a partir de dezembro próximo, um Núcleo de Estudos Canadenses, que será acolhido no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Contábeis e Financeiras, sob minha coordenação.

Neusa Maria B. F. Santos

Coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Contábeis e Financeiras da PUC-SP (1995-2005).

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 20, 11/99.

INTERNACIONALIZAÇÃO: DESAFIO PARA AS UNIVERSIDADES

RENÉE ZICMAN

Hoje, vivemos numa comunidade global, num mundo interdependente. O futuro dos países dependerá, cada vez mais, da capacidade de suas sociedades em se adaptarem a essa nova realidade, preparando seus cidadãos para atuarem com maior eficácia nesse novo contexto. Sem dúvida nenhuma, as mudanças mais profundas dessa nova mutação cultural que chamamos de “globalização” ocorrem no campo do conhecimento e da informação. Isso coloca imensos desafios para a educação, especialmente para a educação superior. Mais do que nunca, as universidades têm importante papel na solução dos problemas globais e na construção de um mundo mais digno.

No século XXI, o desenvolvimento socioeconômico dos países dependerá, em grande parte, da existência de recursos humanos preparados para detectar oportunidades, riscos e vantagens competitivas que garantam a melhoria da qualidade de vida. Uma universidade de excelência, que queira ter liderança no campo do ensino superior e do desenvolvimento científico e tecnológico, deverá ter como parte constitutiva de sua missão e função institucionais o incremento de suas relações internacionais, trazendo suas contribuições para o desenvolvimento da comunidade internacional e aproveitando plenamente as oportunidades de aperfeiçoamentos, cursos, bolsas, financiamentos, etc.

Os intercâmbios devem envolver esforços conjuntos de acadêmicos, governos e empresários. Os universitários devem incorporar as atividades internacionais em suas práticas acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão; os governos federais e estaduais devem apoiar e financiar a internacionalização da educação superior, envolvendo também organização bilaterais e internacionais (BID, Unesco, fundações, etc); a

comunidade empresarial dos diferentes países deve participar mais ativamente dessas atividades, apoiando-as, financiando-as, atuando diretamente, ofertando oportunidades de estágio acadêmico e profissional em suas organizações e ajudando a adequar os currículos e programas às novas necessidades.

As cooperações devem ir além das áreas tecnológicas, atuando em temas prioritários para o desenvolvimento social, como saúde pública, meio ambiente, educação, pobreza, controle populacional, violência, conflitos étnicos, exclusão social, política exterior, avaliação do ensino superior e da produção científica, etc.

Mais do que uma opção, a expansão da dimensão internacional da educação superior é responsabilidade de todas as instituições e cursos: precisamos preparar adequadamente nossos estudantes para viver e trabalhar num mundo cada vez mais complexo, interdependente e multicultural.

Renée Zicman

Professora do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP. Coordenadora de Relações Institucionais e Internacionais da PUC-SP (1995-2004).

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional nº 21**.

INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA: UMA ETAPA NO PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO

MARGARITA ROZAS

MARIA LÚCIA MARTINELLI

A Europa revelou-me até que ponto eu pertencia a um mundo primitivo e caótico e, ao mesmo tempo, me impôs e me esclareceu o dever de uma tarefa latino-americana.

José Carlos Mariatégui, literato e sociólogo peruano
(1895-1930)

Não são recentes os esforços de integração na América Latina. Na verdade, pode-se afirmar que a “tarefa latino-americana” à qual se refere Mariatégui é uma causa a que muitos dedicaram suas vidas, durante longos períodos da história.

No final do século XX, talvez a expressão mais contundente dessa busca seja o Tratado de Assunção, assinado em março de 1991 pelos presidentes da Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, consolidando a criação do Mercosul.

Inserindo-se em um conjunto de estratégias que visavam recolocar a América Latina no circuito da democracia internacional, ampliando sua capacidade de participação política e de organização da sociedade civil, o Tratado de Assunção tem como um de seus grandes objetivos a aceleração dos processos de revitalização econômica com justiça social, incentivando o desenvolvimento científico e tecnológico, a preservação do meio ambiente e a integração do Mercosul no mercado econômico internacional.

Porém, é no plano da consolidação da democracia e do fortalecimento da cidadania que se conquistam importantes espaços de negociação, incentivando-se iniciativas de intercâmbio cultural e educacional.

Nesse cenário, a PUC-SP, cumprindo seu papel protagonista no processo de desenvolvimento socioeducacional

na América Latina, celebra, em novembro de 1995, um acordo de cooperação com a centenária Universidade Nacional de La Plata (UNLP), Argentina, para a formação de mestres e doutores em Serviço Social.

Trata-se de empreendimento absolutamente pioneiro e de fundamental importância para o desenvolvimento da profissão de Assistente Social na Argentina, cujas possibilidades de formação pós-graduada em Serviço Social estiveram cerceadas durante o regime militar (1976-1983) e com dificuldades para se reinstalar nos anos seguintes.

O Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP, ao qual cabe a coordenação dessa cooperação com a UNLP, coerentemente com as diretrizes filosóficas e educacionais da PUC-SP e com seu projeto ético-político, oferece aos profissionais argentinos qualificação em alto nível para o exercício docente e capacitação para o enfrentamento das complexas manifestações da questão social, tão presentes no mundo todo, marcadamente no continente latino-americano. Estão envolvidos nesse programa de qualificação profissionais muito reconhecidos na Argentina, que ocupam posições de destaque na UNLP e nas instituições em que atuam.

No final de 1999, oito mestres argentinos titularam-se em Serviço Social pela PUC-SP. Em 2000-2001, cumprindo as metas previstas no acordo de cooperação, mais oito mestres e quatro doutores estarão concluindo duas titulações.

As dissertações e teses produzidas são efetivas respostas ao “dever de uma tarefa latino-americana”, contribuindo para a reconstrução e consolidação da identidade do Serviço Social argentino em sua luta por uma sociedade mais justa e democrática.

Margarita Rozas

Professora da Universidad Nacional de La Plata (Argentina).

Maria Lúcia Martinelli

Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 22.

INTERCÂMBIO INTERNACIONAL: PARA ALÉM DO CRESCIMENTO PESSOAL

ROBERTA GERSON MOUTA

Entre janeiro e março de 2000, participei pela segunda vez – como estudante do último ano do curso de Geografia – do Programa de Cooperação Interuniversitária do governo espanhol, junto ao Departamento de Didática das Ciências Sociais da Universidad de Barcelona.

Acredito que, para muitos estudantes da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP, a idéia de realizar estudos em universidades estrangeiras parece impossível. Programas como esse mostram que, com projeto consistente e bom expediente acadêmico, a concretização dessa possibilidade pode estar bem mais próxima.

Numa primeira reunião com meu tutor, professor Jaume Busquets, que realiza estudos na área de ensino de Geografia, definimos as atividades a serem desenvolvidas: acompanhamento de dois módulos do programa de doutorado em Didática das Ciências Sociais; visita a institutos de Ensino Médio e Fundamental para conhecer a prática educativa e os resultados da Reforma Educativa Espanhola (cujo modelo o Brasil tem seguido); realização de trabalhos de campo com finalidade didática; e leitura de extensa bibliografia do rico acervo de publicações na área de Educação da Universidad de Barcelona.

Essas atividades permitiram-me desenvolver um senso crítico ainda mais aguçado com relação à reforma educacional que o governo brasileiro vem tentando promover. Sem levar em conta a enorme diversidade de nosso país e preocupado em saltar etapas, essas tentativas não conseguem resolver questões básicas nem superar o crescente sucateamento do ensino público em todos os níveis.

Outro aspecto fundamental da minha estadia na Universidad de Barcelona foi o contato com educadores de

diversos países. Na residência universitária, pude conviver com outros bolsistas da área de educação de nove países latino-americanos. Nas aulas de doutorado, realizei ricas trocas de experiências com educadores espanhóis.

Assim, além da dimensão acadêmica, sinto-me hoje privilegiada por ter tantos novos amigos espalhados pela América Latina e pelas diversas Comunidades Autônomas da Espanha. Sem falar da possibilidade de praticar a língua espanhola e aprender um pouco de catalão, uma vez que as aulas eram dadas nessa língua.

De volta ao Brasil, iniciando meu mestrado em Ciências Sociais na PUC-SP, tenho a intenção de continuar estreitando os laços de intercâmbio com a Universidad de Barcelona e outras universidades espanholas. Para esse objetivo, creio ser absolutamente fundamental garantir um maior envolvimento e interesse dos Departamentos e Faculdades da PUC-SP – no meu caso, o Departamento de Geografia e a Faculdade de Ciências Sociais – nas atividades de intercâmbio internacional, potencializando o trabalho realizado pela Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais. Esse tipo de atividade não deve ser benéfica apenas para o bolsista participante, mas para todos os estudantes e professores da universidade.

Roberta Gerson Mouta

Mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP (2000-2003).

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 23, 06/00.

COOPERAÇÃO INTERNACIONAL PERMITE EXPRESSIVOS GANHOS ACADÊMICOS

ALEXANDRE LUZZI LAS CASAS

No ano passado, a convite da Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais da PUC-SP (ARII), participei de reunião com um representante da Universidade de Nuremberg (UN), Alemanha, quando identificamos algumas áreas de interesse comum para o desenvolvimento de trabalhos no futuro. Alguns meses depois, novamente com apoio da ARII, recebia na PUC-SP o professor Hermann Diller, titular da área de Marketing da UN, contato que nos rendeu dois importantes frutos.

Em primeiro lugar, pudemos incluir um artigo do professor Diller em publicação da área de marketing que organizamos na PUC-SP. Como segundo desdobramento, recebi um convite para oferecer um curso de Marketing de Serviços na UN, em junho deste ano.

Aceito o convite, começaram as tratativas. Em dezembro, já tínhamos definido toda a programação do curso, que teria uma semana de duração e seria ministrado em inglês para alunos alemães.

Além da rica experiência junto aos estudantes alemães, durante minha estadia em Nuremberg mantive vários contatos acadêmicos, dentre outros, com o diretor da Faculdade de Administração, com o pró-reitor acadêmico e com o representante do Departamento de Informática. Foram momentos em que pudemos conversar sobre ensino, pesquisa e pós-graduação no Brasil, na Alemanha e em outros países.

Junto ao Departamento de Marketing da UN, propus a realização de uma pesquisa sobre marketing de serviços turísticos na Alemanha, na perspectiva de um estudo comparado com as agências brasileiras, nos moldes de um projeto que desenvolvi junto à Universidad de Valladolid, Espanha, onde

estive, em 1998, também com apoio da ARII e no âmbito do Programa Intercampus do governo espanhol.

Surpreendi-me muito positivamente com a atenciosa receptividade alemã. Além de usufruir de escritório com computador e acesso à internet e contar com toda a equipe de professores assistentes à minha disposição, tive, em praticamente todos os dias em que permaneci em Nuremberg, uma rica programação de lazer.

Pude também observar algumas curiosidades do ensino alemão. Como é gratuito, nos primeiros anos há muitos alunos inscritos, número que vai diminuindo na medida em que progridem as etapas de ensino. Ao contrário do que ocorre no Brasil, a maioria dos professores doutores alemães não segue carreira estritamente acadêmica, atuando também em empresas.

Essas experiências internacionais, desenvolvidas na Alemanha e na Espanha, mostram que os contatos no exterior não são difíceis de concretizar. Com a orientação e o suporte da ARII, tive sempre a satisfação de encontrar profissionais ávidos em estabelecer contatos com o Brasil.

Aproveito para deixar uma mensagem aos colegas professores da PUC-SP: experiências de cooperação internacional resultam em expressivos ganhos acadêmicos, que, por sua vez, revertem em importantes atualizações didático-científicas.

Alexandre Luzzi Las Casas

Professor Titular da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da PUC-SP.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 24, 09/00.

COOPERAÇÃO INTERNACIONAL: UMA EXPERIÊNCIA BEM-SUCEDIDA

CAMILLA DIXO LIEFF

Em 1998, tive oportunidade de manter um primeiro contato com a Oxford Brookes University – OBU (Reino Unido), por ocasião da visita de membros da delegação daquela Universidade à PUC-SP. Esse contato inicial foi estreitado via e-mail e durante as edições de 1998 e 1999 da British Education Exhibition, promovida pelo Conselho Britânico em São Paulo.

Em 1999, aproveitando minha participação em uma conferência para professores de Inglês como Língua Estrangeira na Inglaterra, estive na OBU, a convite de Clare MacKinley, coordenadora de Marketing do International Centre for English Language Studies (Icels). Nessa ocasião, houve uma sondagem inicial para um possível trabalho na área de Fonologia e Pronúncia do Inglês, em julho de 2000, junto a professores e alunos dos cursos de verão da OBU. A oficialização do convite veio no início do ano, por meio da Diretora do International Summer School Programme.

Na condição de professor convidado (Visiting Academic) junto à Oxford Brookes University, participei, durante duas semanas, de várias atividades acadêmicas, compartilhando experiências com outros professores, promovendo oficinas de ensino-aprendizagem da pronúncia para professores dos cursos de verão da Oxford Brookes e ministrando cursos para professores e alunos estrangeiros.

A histórica cidade de Oxford, a uma hora de Londres, além de oferecer um cenário ideal para a reflexão e o estudo, é um estímulo para a mente e o corpo, com seus museus, universidades, teatros ao ar livre, concertos, restaurantes, bares, parques e verde, muito verde.

Compartilhar, como professora do Departamento de Inglês da PUC-SP, conhecimentos e experiências na área da

Fonologia e Pronúncia do Inglês com professores britânicos e alunos e professores estrangeiros (franceses, egípcios, iranianos, japoneses, chineses, venezuelanos) representou um novo desafio na expansão da perspectiva de atuação profissional de um contexto monolíngue para um contexto multilíngue.

Minha experiência como educadora e professora envolvida na formação de professores de Língua Inglesa na PUC-SP foi fundamental no desenvolvimento da autoconfiança para enfrentar, com sucesso, mais esse desafio em minha vida profissional.

A relevância da experiência pode ser mais diretamente percebida através dos depoimentos dos participantes. A receptividade e a acolhida ao profissional e ao trabalho que vimos desenvolvendo na PUC-SP – na graduação e na especialização – reforçaram nossa crença e confiança na abordagem centrada no aluno, numa reflexão voltada, não apenas para o conteúdo, mas também para o processo de aprendizagem da pronúncia e para o estímulo ao aprendizado autônomo e contínuo.

Vale ainda destacar o pioneirismo da iniciativa da OBU em estabelecer essa importante cooperação entre profissionais brasileiros e ingleses.

Com o objetivo de dar continuidade às parcerias e projetos na área acadêmico-educacional, temos mantido, desde 1997, contatos regulares com a Universidade de Leeds (UL), Reino Unido.

Em 1998, os professores Dick Knight e Susan Kellerman, da UL, estiveram na PUC-SP, coordenando o Workshop *What Language Centres Can do for Language Learners?*, promoção conjunta do Departamento de Inglês e do Centro de Estudos para Aprendizagem de Línguas (Ceal).

Em 1999, acolhemos o professor Peter Howarth, da mesma Universidade, para proferir palestras a professores e alunos. Nesse mês, ele voltou à PUC-SP para realizar conferência para mais de 60 alunos, professores e convidados sobre *Independent Language Learning*, tema de grande

atualidade, envolvendo o aprendizado de línguas de maneira independente.

As parcerias e as cooperações internacionais estão estabelecidas. Resta-nos saber sustentá-las para que outros projetos conjuntos ocorram e novos professores possam vivenciar experiências semelhantes.

Aproveito, mais uma vez, para agradecer à Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais da PUC-SP pelos contatos iniciais com membros das universidades britânicas.

Camilla Dixo Lieff

Professora do Departamento de Inglês da PUC-SP. Coordenadora Acadêmica do Ceal/PUC-SP (1993-2002).

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 25, 10/00.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

JERUSA PIRES FERREIRA

Não é fácil circular, com proveito, entre diversos ambientes universitários de vários países e muitos idiomas. Especialmente porque, nos diferentes espaços visitados, deparamo-nos com códigos próprios e formas específicas de lidar com princípios institucionais, predileções e “cacoetes” que precisamos entender e respeitar. Vamos, no entanto, nos habituando e construindo laços sólidos, descobrindo afinidades pessoais, aproximando temas de pesquisa, fortalecendo atuações e colaborações mais regulares.

Ao ingressar, em 1993, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP – onde criamos o Núcleo de Poéticas da Oralidade, junto ao Centro de Estudos da Oralidade que também dirigimos –, fui estimulada a levar adiante o intercâmbio e o diálogo permanentes com pesquisadores estrangeiros, da Rússia às Américas, sem esquecer os grupos brasileiros em interação e extensão. Temos procurado fazer de nossos interesses preponderantes uma espécie de repercussão: eventos integrados, cursos, colóquios, discussões, atividades artísticas.

Em 1994, participei, na França, de evento organizado pelo Centro de Pesquisa de Literatura Popular da Université de Limoges, construindo-se, a partir daí, um vínculo bastante forte e integrado com alguns de seus pesquisadores. Em 1999, retornei a Limoges como professora convidada, oferecendo um curso intensivo de pós-graduação, programa que deve se repetir em 2001. Em março de 1999, sempre contando com a efetiva colaboração da Fapesp, realizamos, na PUC-SP, o colóquio Cultura é Memória, que teve prosseguimento na Universidade Federal de São Carlos, com organização de Josette Monzani.

A permanência regular em Limoges propiciou também a aproximação com o pesquisador Jean-Yves Mollier, da

Université de Saint-Quentin-en-Yvelines (França), e o reencontro com o professor Charles Grivel, da Universidade de Mannheim (Alemanha), que tinha conhecido há 20 anos, durante cursos em Urbino (Itália). Desde então, Charles Grivel já esteve duas vezes na PUC-SP – a mais recente em setembro último –, realizando cursos e conferências, participando de pesquisas e teses.

Desses contatos, nasceria, em 1996, a Coordenação de Pesquisadores em Literatura *Popular e Transmediática*, presidida por Charles Grivel e formalizada na Université de Saint-Étienne. Nessas perspectivas, também ocorreria o Colóquio Internacional sobre o Almanaque, realizado em Versailles, França, em 1998, sob a direção de Jean-Yves Mollier e Hans Jurg Lüsebrink, da Universidade de Saar (Alemanha), do qual participamos e cuja réplica realizamos no Brasil, numa iniciativa conjunta da PUC-SP, Universidade Estadual de Campinas (Paulo Miceli) e Fundação Memorial da América Latina (Marlyse Meyer), com a presença de especialistas franceses, como Lise Andriès e Jean-François Botrel.

Publicamos, recentemente, textos dos professores Claude Filteau, da Université de Limoges (revista *Olhar*, n. 3), e Jacques Migozzi, diretor da Área de Humanas da mesma universidade (revista *Projeto História – PUC-SP*, n. 21). Além disso, estamos preparando a publicação de uma coletânea de ensaios de Charles Grivel.

Estivemos com este último no mês de setembro, numa reunião de pesquisadores em Lleida (Espanha), discutindo heróis populares e transmediáticos. Ali também foi criada a revista *Belpbolgor*, produzida em Halifax (Canadá), dirigida por Vittorio Frigerio, e que será lançada em fevereiro de 2001, de cujo conselho faço parte. Lutei para garantir uma sessão em língua portuguesa, na qual poderemos publicar resultados de pesquisa e trabalhos em pé de igualdade com os outros colegas falantes do francês ou do espanhol.

Em função da recente visita à Espanha, temos trabalhado em projeto que também envolve a Universidade de Feira

de Santana e a Universidad Autonoma de Madrid, na pessoa de Mario Hernández – grande especialista em Garcia Lorca e no romanceiro popular –, que acena com uma integração cooperativa do Centro de Estudos da Oralidade da PUC-SP com o Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Aproveitamos a oportunidade para aproximar esse novo projeto do Fundo Paul Zumthor no Canadá e do Pólo Brasil da Universidade de Paris X – Nanterre, dirigido por Idelette Muzart.

Por meio dessas ações, geram-se novas presenças e idéias, que se reproduzem e multiplicam, sem dispersão, já que há eixos temáticos confluentes e um ativo grupo de pesquisa envolvido. Fundamental nessas conexões tem sido a possibilidade de encaminhar pesquisadores brasileiros para doutorados-sanduíche ou pós-doutorados no exterior. Dar e receber, oferecer reflexões e experiências, recusando confinamentos ou preconceitos e deslocando qualquer idéia de hegemonia. O crescimento pessoal se liga ao de nossos estudantes, às teses e pesquisas realizadas, e à ação, que, por mais internacionalizada, manifesta a presença de um modo de ser que nos é próprio, conquista de espaços de pensamento, pesquisa, atuação.

Jerusa Pires Ferreira

Coordenadora do Centro de Estudos da Oralidade e do Núcleo de Poéticas da Oralidade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 26, 11/00.

INTÉRPRETE DE CONFERÊNCIAS: UMA PROFISSÃO DE NATUREZA INTERNACIONAL

REYNALDO J. PAGURA

A interpretação de conferências – que alguns costumam chamar de “tradução simultânea” – é uma profissão eminentemente internacional. Os intérpretes funcionam como elo fundamental na comunicação entre profissionais de diversas áreas do conhecimento e provenientes de todos os países, além de atuarem em eventos realizados nas mais diversas regiões do planeta.

Em todo o mundo, só três universidades oferecem a formação de intérprete de conferências que falem português como língua materna: a PUC-SP, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e a Universidade do Minho (Portugal), sendo que nesta última o curso está suspenso no presente ano letivo europeu 2000-2001. É importante esclarecer que estão se tornando comum, no Brasil, os cursos de Letras que oferecem a habilitação Tradutor-Intérprete (assim mesmo, com hífen, como se fosse um vocábulo composto denominando um mesmo profissional). É interessante notar também que vários cursos que se propõem a formar o “tradutor-intérprete” nem chegam a abordar a formação do intérprete propriamente dita.

No segundo semestre de 2000, decidi entrar em contato com diversos cursos de formação de intérpretes na Europa. Apresentando-me como professor do curso oferecido pela Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUC-SP, agendei visitas a diversas instituições.

Inicialmente, estive na Escola Superior de Interpretação e Tradução (Esit), da Universidade de Paris III, o centro mais importante no mundo da interpretação, em função

das pesquisas desenvolvidas por duas profissionais de grande destaque no cenário internacional: Danica Seleskovitch e Marianne Lederer.

Marianne Lederer é atualmente diretora do programa de doutoramento da Esit, da qual foi diretora geral até o ano passado. Danica Seleskovitch, professora emérita da Sorbonne e condecorada com a Légion d'Honneur da França, continua, aos quase 80 anos, atuando no mesmo programa de doutoramento.

Fui recebido por Marianne Lederer, que se mostrou muito interessada pelo curso oferecido na PUC-SP, apresentando-me a vários professores e convidando-me para assistir a diversas aulas, incluindo-se aí uma das seis conferências anuais proferidas por Danica Seleskovitch.

Tive ainda a oportunidade de dar uma palestra a um grupo de alunos do último período da graduação, a respeito da situação econômica atual do Brasil e do mercado de interpretação em nosso país, tendo sido interpretado do português para o francês pelos alunos de língua portuguesa passiva, ou seja, como língua estrangeira e, a partir daí, para o alemão, inglês e diversas outras línguas.

Ainda em Paris, mantive também contatos no Institut Catholique de Paris, que, ocasionalmente, oferece curso de Português-Língua Estrangeira.

A seguir, estive em Genebra (Suíça), onde fui recebido pela professora Barbara Moser-Mercer, vice-presidente da Escola de Tradutores e Intérpretes (ETI) da Université de Genève e coordenadora de relações internacionais da instituição. A professora Moser-Mercer, co-editora do periódico *Interpreting* e autora de diversas obras publicadas, é outro grande destaque na área de pesquisa de interpretação.

Na ETI, tive acesso à maior biblioteca do mundo na área, onde pude realizar pesquisas. Mantive também contato com o professor Robin Setton, coordenador do programa de interpretação da escola. Muito possivelmente, deverei retornar à Université de Genève, juntamente com outros docentes da

PUC-SP, para participar de curso intensivo de atualização para formadores de intérpretes.

Depois, fui para a Inglaterra, onde, após uma rápida visita à University of Bath, participei de diversas atividades com professores e alunos do curso de Interpretação e Tradução da University of Westminster. Além de voltar a dar outra palestra sobre a situação econômica brasileira, dirigi uma sessão de treinamento com os alunos de Português-Língua Estrangeira para falantes de inglês como língua materna, situação exatamente oposta à que temos no Brasil. Por trabalhar com uma pequena equipe de professores fixos e grande número de professores convidados, o programa de Westminster, representado por sua coordenadora, Ingeborg Smallwood, mostrou grande interesse num possível intercâmbio de docentes com a PUC-SP.

As oportunidades para parcerias e cooperação internacional parecem muitas. Cabe a nós fazer-nos conhecidos – os programas oferecidos no Brasil ainda eram praticamente desconhecidos de meus interlocutores – e estreitarmos os contatos com instituições que se mostraram tão receptivas às idéias apresentadas durante esses meus contatos iniciais.

Reynaldo J. Pagura

Professor do Departamento de Inglês da Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUC-SP. Curso de Formação de Intérpretes de Conferência de Língua Inglesa.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 27, 03/01.

SIGNIFICADO DAS PRÁTICAS DE INTERCÂMBIO INTERNACIONAL

MARIA JOSÉ F. ROSADO NUNES

Nestes últimos anos, tenho tido oportunidades variadas de participar em eventos internacionais, de conferências organizadas pela Organização das Nações Unidas em torno de questões de desenvolvimento (Cairo, Egito) e da situação das mulheres no mundo (Pequim, China), de congressos de sociologia da religião. Embora possa parecer repetitivo, é sempre verdadeiro dizer o quanto esses espaços nos ajudam a perceber tendências, direcionamento das discussões de questões percebidas como comuns a certos grupos sociais ou a determinadas áreas regionais, etc. Como também é verdadeira a afirmação do quanto se aprende nas conversas nos corredores e cafezinhos, nos novos relacionamentos, nas informações informalmente trocadas. Tais espaços nos permitem vivenciar essa “cultura internacionalista”, tão necessária à produção e à socialização do conhecimento, que a PUC-SP vem cultivando, cada vez com maior força.

O mais recente evento internacional de que participei, no Instituto Ecumênico de Bossey, próximo a Genebra (Suíça), teve um caráter bem distinto. Tratava-se de encontro de um pequeno grupo, de uns 15 especialistas em estudos de religiões, oriundos de todas as partes do mundo – Ásia, África, Europa, Estados Unidos e América Latina –, que, motivados(as) pelo Conselho Mundial de Igrejas, reúne-se, desde 1998, com duplo interesse: compreender a situação atual das religiões em diferentes sociedades e, ao mesmo tempo, interrogar-se sobre as possibilidades de diálogo entre elas.

Como grupo internacional e multidisciplinar, os(as) integrantes tomam em consideração tanto as religiões ocidentais, como as orientais; tanto as formas religiosas tradicionais, como as expressões modernas de crença. Discutem-se o islamismo, o cristianismo – em sua face protestante e ca-

tólica, histórica e neopentecostal –, o hinduísmo, o budismo, as religiões africanas. Os debates também percorrem uma grande variedade de questões, abordadas do ponto de vista da Sociologia, da Antropologia, da Teologia e da própria experiência religiosa. Essa diversidade de abordagens confere particular riqueza às discussões e permite uma compreensão mais abrangente desse imenso “mundo das religiões”.

Curiosamente, as religiões têm marcado uma presença forte em diferentes sociedades, neste fim/início de milênio. Curiosamente, pois houve tempo em que se pensou que elas seriam banidas do cenário social. As sociedades modernas, trabalhadas por uma dinâmica secularizadora, criaram, ao contrário, uma multiplicidade de maneiras de lidar com as religiões. E estas aparecem por todo lado, mais ou menos dependentes de instituições, possibilitando, de qualquer forma, escolhas e construções de novas identidades religiosas, às vezes afirmadas em expressões fundamentalistas. É nesse contexto que aparece a interrogação sobre os espaços de interlocução e de diálogo possíveis entre as diferentes religiões. Múltiplas formas religiosas para múltiplas expressões da modernidade?

A problemática abordada nessas reuniões internacionais é particularmente relevante para o campo das Ciências da Religião, área em formação no Brasil, mas já estruturada e reconhecida, nos Estados Unidos e na Europa, como campo científico relevante. Fica, também e enfim, a interrogação sobre o significado acadêmico e social dessas práticas de intercâmbio internacional. Os resultados da integração e participação nesses projetos devem ter relevância para a compreensão e a intervenção na realidade de cada país. Na Universidade, devem fazer-se sentir na qualidade da prática docente e na intensificação da capacidade de criação de conhecimento por meio de pesquisa de qualidade.

Maria José F. Rosado Nunes

Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 28, 05/01.

NOVO MODELO DE COOPERAÇÃO GLOBALIZADA A SERVIÇO DA INCLUSÃO SOCIAL

ALDAÍZA SPOSATI

Neste início de milênio, as relações internacionais assumiram importância fundamental na construção de novas políticas econômicas, sociais e culturais. O fenômeno da globalização colocou na berlinda uma série de procedimentos consagrados nas relações diplomáticas entre os países, bem como no processo de cooperação para a produção de conhecimento. Os recentes acontecimentos em Gênova, na Itália, durante a reunião dos líderes das nações ricas, mostram que há fissuras importantes nesta nova ordem mundial. Uma análise mais detida aponta para um tecido social esgarçado, mesmo nas chamadas potências econômicas, com destaque para o fenômeno da migração de mão-de-obra, com o crescimento das legiões de indocumentados e “invisíveis”, como bem classifica o estudioso português Boaventura de Souza Santos.

Torna-se, portanto, cada vez mais urgente o estabelecimento de outras inter-relações e acordos no processo de globalização. As porções de excluídos sociais em cada país guardam peculiaridades que precisam ser devidamente examinadas na instituição de políticas internacionais de cooperação e desenvolvimento. A troca de informações contribui para a adoção de novas metodologias de combate às diferentes formas de exclusão, consideradas as necessidades básicas dos indivíduos no mundo pós-industrial.

Reconhecendo a importância dos estudos comparados, temos, há vários anos, encontrado afinidades com o trabalho desenvolvido pela Equipe de Pesquisas Econômicas e Sociais da Faculdade de Ciências Econômicas, da Université Pierre Mendès-France, de Grenoble (França). Por meio da troca qualificada de informações e experiências, especialmente com os professores Alain Euzéby e Chantal Euzéby, temos

estabelecido cooperações que traduzem um outro tipo de globalização, fundada no espírito de solidariedade e de difusão das práticas científicas de análise social.

Fruto de encontros de trabalho e seminários realizados, tanto em Grenoble como em São Paulo, elaboramos, conjuntamente, o projeto A Proteção Social contra a Exclusão e a Serviço da Inclusão Social, apresentado, em junho passado, como proposta de cooperação interuniversitária ao Programa Capes-Cofecub 2002/2003. O objetivo é estabelecer intercâmbio sistemático entre as equipes de pesquisadores, com a realização de seminários e *workshops* e o desenvolvimento de pesquisa comparativa entre a situação europeia e a brasileira sobre o papel desempenhado pelas políticas públicas nos processos de exclusão e inclusão social. Embora tomando a França como relação europeia primordial, os estudos também farão referência à realidade portuguesa, examinada por doutorandos da PUC-SP que realizaram pesquisas nas cidades do Porto e de Lisboa. Pela PUC-SP, participam três núcleos de pesquisa vinculados aos programas de estudos pós-graduados em Serviço Social, Economia e Administração, envolvendo docentes e estudantes.

Acreditamos que, por meio dessas cooperações, estabeleceremos um eixo qualificado de trabalho e ofereceremos elementos para um exame mais claro e detalhado dos processos de exclusão e inclusão neste mundo em rápida transformação. Esse intercâmbio, certamente, resultará em avaliações que poderão nortear novas políticas públicas e auxiliar na construção de novos paradigmas de ação na luta contra a exclusão social.

Aldaíza Sposati

Professora Titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Seguridade e Assistência Social.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 30, 08/01.

A EXPERIÊNCIA DE SER UM PROFESSOR VISITANTE

FRANK USARSKI

A pós seis anos trabalhando em universidades na Alemanha, sempre na área de Ciências da Religião, em março de 1998 iniciei minhas atividades como professor visitante na PUC-SP, por meio de convênio entre o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes/MEC), que oferece contratos de longa duração a cientistas alemães, com o objetivo de intensificar o intercâmbio acadêmico entre a Alemanha e o Brasil.

Quando cheguei ao Brasil, meus conhecimentos de português estavam longe de me permitir dar aulas na língua deste país. Portanto, ao iniciar minhas atividades docentes na disciplina de Introdução à Sociologia das Novas Religiões, no mestrado em Ciências da Religião, no primeiro semestre de 1999, dependi, em grande medida, da boa vontade e da perspicaz intuição de meus alunos. Nos semestres seguintes, quando ofereci as disciplinas Religiões Orientais e Metateoria da Ciência da Religião, a tarefa já estava mais facilitada. Para vencer meus obstáculos lingüísticos, foi de extrema valia o trabalho desenvolvido junto à área de Português para Estrangeiros da PUC-SP, coordenada pela professora Regina Célia Pagliuchi da Silveira, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa.

O maior domínio da língua também tem facilitado o contato com colegas brasileiros, especialistas e interessados em temas correspondentes. Pude também apresentar trabalhos em congressos, dentre os quais destacam-se, mais recentemente, o Encontro Anual da Associação Brasileira de História das Religiões (Recife), o Congresso Internacional Valores Universais e o Futuro da Sociedade (São Paulo) e a

V Semana de Estudos da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (São Bernardo).

Procurando suprir a lacuna de pesquisas sobre budismo no Brasil, criei, em outubro 1999, o Grupo de Estudo do Budismo na América Latina – Gebal, que conta com pesquisadores da PUC-SP e cientistas de outras universidades brasileiras. No final deste ano, será publicado o livro *O budismo no Brasil*, reunindo, sob minha organização, artigos de onze especialistas brasileiros.

Quanto à orientação de alunos, confesso que demorei algum tempo para me adaptar às condições locais. Na Alemanha, os contatos individuais entre professores e orientandos não são tão freqüentes. Além de participação em cursos, na maioria das vezes os candidatos à orientação apenas são atendidos por seus orientadores para definir o tema de pesquisa para a tese, trabalhando independentemente, antes e depois desse momento.

Contando com os professores Maria José Rosado Nunes Maria e Edênio Valle na equipe da redação, lancei, em janeiro deste ano, a *Revista de Estudos da Religião – Rever*, uma revista *on-line* trimestral, que, como órgão de comunicação acadêmica entre cientistas da religião do Brasil, também servirá de plataforma para discussões de âmbito internacional, divulgando ensaios de autores não-brasileiros.

Três meses antes de me mudar para o Brasil, tive a oportunidade de vir a São Paulo e conhecer minha futura universidade anfitriã e as condições oferecidas. Retornei à Alemanha convencido de que minha estadia na PUC-SP seria uma das fases mais interessantes de minha vida. É com satisfação que vejo que tudo que vivi e produzi nos últimos quatro anos corresponde a essa expectativa.

Frank Usarski

Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional nº 31**, 09-10/01.

UMA CONTRIBUIÇÃO AO DESENVOLVIMENTO DE UMA NAÇÃO

ALÍPIO CASALI

Moçambique é um país recém-saído do colonialismo (1975) e de uma década de guerra civil (1992). Apesar de vir apresentando taxas de crescimento econômico anual em torno de 9%, encontra-se em um patamar de desenvolvimento econômico muito baixo e é um dos últimos países do mundo no *ranking* de Índice de Desenvolvimento Humano da Organização das Nações Unidas, apresentando problemas sociais gravíssimos, sobretudo na área de saúde pública e educação.

A Universidade Pedagógica (UP), instituição pública sediada na capital, Maputo, situada no extremo sul de Moçambique, com dois outros *campi* no centro e no norte, é uma das poucas universidades daquele país e tem a missão específica de formar o professorado nacional, para todos os níveis. Conta, entretanto, com apenas nove doutores entre seus 220 professores (nem todos na área de educação) e ainda não possui um curso de mestrado implantado.

Desde maio de 1993, a PUC-SP mantém um convênio de cooperação com a UP, por meio do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo, visando a formação de um núcleo de professores com doutorado em educação em Moçambique que constituísse a espinha dorsal para preparação de uma nova etapa de desenvolvimento da UP: a implantação do mestrado em educação, com a meta de titular, a médio prazo, ao menos 30% de seu corpo docente.

Em outubro de 1998, um novo convênio específico foi firmado entre a PUC-SP e a UP, agora visando a formação de uma primeira turma de doutorado, que teve início em março do ano seguinte. O êxito alcançado com essa iniciativa – dos sete doutorandos, três já se titularam e os demais estão em fase final de conclusão de suas teses – levou à formação

de uma segunda turma, com oito novos doutorandos, desde março deste ano.

Para acompanhar diretamente as atividades desenvolvidas, o Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo indicou os professores Fernando José de Almeida e Antônio Chizzotti, que, juntamente comigo, como coordenador do Acordo de Cooperação, também são os orientadores de tese dos doutorandos.

Essa cooperação reveste-se de grande importância para o Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo e para a PUC-SP, representando significativa atitude e ação de solidariedade em relação a um país de língua irmã e análogo passado colonial. Ao mesmo tempo que oferece a oportunidade para um fecundo encontro intercultural interuniversitário, essa cooperação também inaugura um doutorado interinstitucional internacional inédito na área de Pós-Graduação em Educação no Brasil, com expressiva repercussão política e acadêmica junto à Capes e às demais universidades brasileiras.

Mas o aspecto mais relevante é a importância estratégica das contribuições desse acordo de cooperação para Moçambique. Ele marcará, indubitavelmente, a história da educação deste país.

Alípio Casali

Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo da PUC-SP.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional nº 32**, 11/01.

INTERCÂMBIO ACADÊMICO: UMA OPORTUNIDADE ÚNICA

FELIPE MASTROCOLLA

SABRINA LEMOS DA GAMA

Durante o segundo semestre de 2001 participamos de um Programa de Intercâmbio na University of the Incarnate Word (UIW), em San Antonio, Texas (EUA), devido a um protocolo acadêmico de colaboração assinado entre a PUC-SP e essa universidade americana. Esse programa, oferecido pela PUC-SP, possibilitou que nós cursássemos disciplinas como alunos regularmente matriculados, participando das atividades curriculares e isentos das mensalidades (continuamos pagando a PUC-SP).

Em San Antonio, optamos por morar no campus da UIW, nos chamados *dorms*. Tínhamos a liberdade de estar sozinhos e a conveniência de morar no *campus* universitário e fazer um grande número de amigos, tanto americanos como internacionais – turcos, mexicanos, colombianos, argentinos, alemães, austríacos, espanhóis. A diversidade cultural era muito grande, possibilitando uma gama enorme de conhecimento.

Existiram também muitos obstáculos, que tivemos que ultrapassar, etapas vencidas passo a passo – a comida do restaurante universitário, a distância da família, dos amigos e da(o) namorada(o), a drástica mudança da vida nos EUA, o atentado terrorista de 11 de setembro no World Trade Center, com a conseqüente pressão familiar para retornarmos ao Brasil.

As experiências de dividir um quarto com alguém que você nunca viu e de vivenciar um novo método de ensino, baseado em muitas horas de estudos extra-classe e poucas aulas por semana (bem diferente da PUC-SP, em que estamos acostumados a ter mais de quatro horas de aula por dia, lá tínhamos uma média de duas horas diárias) fizeram com que

tivéssemos que lidar com um novo estilo e ritmo de vida e estudos, um dos objetivos dos programas de intercâmbio.

Apesar de alguns problemas, a experiência foi fantástica, possibilitando um crescimento tanto pessoal como acadêmico-profissional. Cursamos disciplinas nas áreas que desejávamos, melhoramos nosso inglês e conhecemos uma nova realidade. Enfim, tivemos uma oportunidade única.

Felipe Mastrocolla

Estudante do curso de Direito da PUC-SP (1998-2003).

Sabrina Lemos da Gama

Estudante do curso de Administração de Empresas da PUC-SP (1998-2003).

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional nº 33**, 03/02.

A COOPERAÇÃO PUC-SP-SCIENCES-PO NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ANTONIO J. MEIRELLES

Após ter passado um ano na França, como aluno-intercâmbio da PUC-SP no Institut d'Études Politiques de Paris (Sciences-Po), posso afirmar que o acordo firmado entre essas instituições é não somente uma iniciativa de sucesso, mas marca também uma nova etapa para a PUC-SP na área de Relações Internacionais, no que concerne à projeção internacional de seu diploma e às novas possibilidades de relacionamento com grandes instituições de ensino de outros países.

Sendo um dos primeiros alunos a participar desse programa de intercâmbio, sinto-me muito estimulado a relatar minha experiência, que, além de me ter trazido novas perspectivas profissionais, ofereceu-me um conhecimento mais aprofundado dos desafios presentes na carreira do bacharel em Relações Internacionais.

A complementaridade dos percursos curriculares das duas instituições de ensino e a intensa vivência da realidade acadêmica e profissional na França são, a meu ver, as duas principais aquisições de uma experiência de intercâmbio capazes de beneficiar todas as partes envolvidas: o aluno, a instituição de origem e a instituição receptora.

No caso da PUC-SP e da Sciences-Po, foi possível agregar essas duas aquisições. Quando me candidatei ao programa de intercâmbio, já vislumbrava a possibilidade de cursar disciplinas que ainda não eram oferecidas nas instituições de ensino superior brasileiras. A Sciences-Po oferece mais de 20 módulos de disciplinas específicas, grande parte deles intimamente ligados à carreira de Relações Internacionais e, ao

mesmo tempo, adequados às demandas do mercado de trabalho dos chamados “países desenvolvidos”.

Considerando a expectativa de grande parte dos estudantes de Relações Internacionais de atuar em outros países ou em instituições de vocação internacional, acredito que experiências de intercâmbio estudantil no exterior são complementares ao trabalho acadêmico iniciado no Brasil e capacitadoras do ponto de vista profissional, na medida em que preparam o estudante para enfrentar um mercado de trabalho com diferentes parâmetros de seleção, em que concorrem um número muito expressivo de pessoas, com padrões bastante diferenciados de formação.

A vivência acadêmica na Sciences-Po baseia-se numa metodologia de ensino particular, que requer dos estudantes, sejam eles franceses ou estrangeiros, firmes engajamentos em projetos de pesquisa, seminários e debates em sala de aula, demandando uma importante carga de estudo. No caso dos estudantes estrangeiros, isso exige um rápido e consolidado aprendizado da língua francesa, além de uma imersão cultural intensa, especialmente se comparada à realidade vivida pela maioria dos estudantes no Brasil, que dividem seu tempo entre o trabalho ou estágio e as aulas na universidade.

Dessa maneira, vejo o recém-lançado programa de diploma integrado entre a PUC-SP e a Sciences-Po como mais uma grande oportunidade para os estudantes de Relações Internacionais que pretendem complementar seus estudos com uma sólida e assistida experiência acadêmica no exterior, com a obtenção de dois diplomas, o Diploma de Bacharel em Relações Internacionais da PUC-SP e o Diplôme de Sciences-Po. Apenas por meio dessas experiências de cooperação é que se poderá alcançar um nível de formação capaz de assimilar e integrar diferentes realidades, formando um profissional preparado para interpretar essas diferenças.

Antonio J. Meirelles

Aluno do curso de Relações Internacionais da PUC-SP (1999-2003).

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 35, 10/02.

EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL: SUBVERSÃO OU SUBMISSÃO?

OSCAR VILHENA VIEIRA

A experiência internacional se apresenta hoje como indispensável em muitos setores do mercado e até mesmo da academia. Essa não é uma tendência apenas brasileira. Se vislumbrarmos os programas transnacionais de pós-graduação que surgiram na Europa na última década e a força de atração que as universidades americanas têm exercido sobre todo o mundo, teremos a exata dimensão de que as elites nacionais buscam reforçar suas posições por algum tipo de reconhecimento externo.

Essa corrida para os países centrais, em busca de melhores condições de ensino, sem dúvida é benéfica para muitos, como a abertura de perspectivas, conjugação de novas gramáticas de pensamento e acesso a um novo arcabouço de informações. A própria solidão e a inexistência de expectativas por parte de nossos amigos e familiares, que marcam nossa vida doméstica, abrem a possibilidade de que nos reinventemos existencialmente.

No entanto, esse processo de busca de conhecimento na metrópole pode guardar inúmeros riscos. A falta de maturidade com que muitos estudantes zarpam para o exterior os transforma em presas fáceis de movimentos e propostas intelectuais dissonantes com as demandas e necessidades de seus países. Além disso, o conforto e as facilidades acadêmicas de uma boa universidade do Norte geram uma impaciência e, não poucas vezes, desprezo em relação às escolas e ambientes acadêmicos de origem.

Assim, no contrapé da experiência no exterior como mecanismo de crescimento, abertura e quebra de paradigmas, corre-se o risco de reforçar relações de submissão intelectual,

por intermédio da incorporação acrítica e irrefletida da linguagem do colonizador.

Nesse sentido, muitos são os cuidados que devemos ter ao pensar que tipo de experiência internacional estamos viabilizando para nossos estudantes. Um desses cuidados é viabilizar experiências internacionais dentro de nossas próprias escolas, como forma de desmistificação e consolidação de uma consciência crítica. Isso permitiria que a jornada no exterior fosse mais desafiadora e intelectualmente produtiva. Onde o contato com o outro favorecesse o repensar a si e não um mero processo de assimilação subordinada.

Por intermédio do Colóquio Internacional de Direitos Humanos, a PUC-SP, em colaboração com a Universidade de São Paulo e a Columbia University (EUA), tem proposto o estabelecimento de novas rotas de intercâmbio internacional. Ao invés do tradicional circuito “Elizabeth Arden”, pelo qual as elites sulistas buscam Paris, Nova York ou Londres, está se trabalhando no sentido das relações Sul-Sul, com acadêmicos e militantes de direitos humanos das diversas partes do hemisfério Sul – do Timor-Leste ao Peru, passando por Angola e Moçambique –, que convergem para São Paulo, por um período de duas semanas, para uma troca intensa e não hierarquizada de experiências. Nesses três anos de experiência do Colóquio, tem sido surpreendente o impacto que esse inusitado ambiente internacional de diálogo tem exercido, não apenas sobre os jovens participantes do programa, mas sobre todos nós, professores e militantes de direitos humanos.

Este é apenas um exemplo de programa internacional que está mais para subversão do que para submissão. Mais para construção de um diálogo ético e cosmopolita, do que para turismo acadêmico destinado aos filhos da elite. A PUC-SP, liderada pela Reitoria e com grande contribuição da Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais, tem to-

mado a dianteira nesse processo. Este, nos parece, é um caminho que vale a pena seguir.

Oscar Vilhena Vieira

Professor da Faculdade de Direito da PUC-SP. Diretor-Executivo da Conectas Direitos Humanos Internacional.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 36, 11/02.

UMA EXPERIÊNCIA DURADOURA

DENISE BERNUZZI DE SANT'ANNA

Em 1989, quando o CNPq concedeu-me uma bolsa para realizar um doutorado na Université de Paris VII (França), a perspectiva de desenvolver futuros intercâmbios com pesquisadores franceses ainda me parecia algo distante e difuso. Preocupava-me, principalmente, a elaboração da tese, o correto cumprimento das obrigações acadêmicas e uma rápida adaptação à realidade cultural estrangeira. Tudo isso não ocorreu num passe de mágica. Somente com o tempo pude construir relações de trabalho com estudantes e professores residentes em Paris, compreender o funcionamento das instituições universitárias francesas e participar de grupos de pesquisa internacionais.

De qualquer modo, as relações de trabalho e amizade estabelecidas durante quase cinco anos na França não terminaram com a defesa do doutorado, nem com meu retorno ao Brasil. Encontrei na PUC-SP, desde que ingressei por concurso público no Departamento de Estudos Pós-Graduados em História, diversos colegas com uma experiência similar à minha, além de um espaço de trabalho bastante propício para ampliar os intercâmbios entre o Brasil e o exterior. A revista *Projeto História*, por exemplo, considerada a terceira melhor revista da área no Brasil, vem recebendo inúmeras contribuições da Europa, dos Estados Unidos e da América Latina, graças aos contatos que diversos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em História mantêm com pesquisadores estrangeiros. Esses professores estimulam e orientam estudantes interessados em realizar parte de sua formação em universidades de diferentes países e, muitas vezes, suas experiências no exterior favorecem de modo decisivo o estabelecimento de novos convênios e acordos de cooperação mútua.

Em 2000, um convite vindo da École des Hautes Études en Sciences Sociales levou-me a Paris, desta vez como

professora visitante, para ministrar seminários, participar de grupos de pesquisa e orientar teses. Desde então, as relações com a França se ampliaram e envolveram também de modo mais sistemático outros países. Por meio de trabalhos realizados no Centre d'Études Transdisciplinaires do Centre National de la Recherche Scientifique e junto ao Observatoire Cidil de l'Harmonie Alimentaire, pudemos estabelecer um fluxo de publicações internacionais e apoiar bolsas-sanduíche.

Desse modo, alguns de nossos alunos estão vivendo trajetórias acadêmicas semelhantes àquelas que fizeram parte dos estudos como bolsistas no exterior de vários professores desta universidade. Trajetórias favorecidas pelas experiências que, no passado, não se encerraram com o momento do retorno do pesquisador brasileiro a seu país e que, portanto, continuaram a gerar resultados produtivos, tanto para os brasileiros quanto para os estrangeiros.

Denise Bernuzzi de Sant'Anna

Professora do Departamento de História da PUC-SP. Coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP (2001-2003).

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 37, 03/03.

UMA CULTURA PARA A DEMOCRACIA

GABRIEL PRIOLLI

De que forma a cultura – tomada em sentido amplo, envolvendo as artes, a educação, a mídia e outras manifestações do pensamento – pode contribuir para a promoção de políticas públicas, que favoreçam a consolidação de um Estado democrático e uma democracia mais participativa nos países da América Latina? Em torno dessa questão organiza-se o projeto Uma Cultura para a Democracia, uma iniciativa da University of Maryland (EUA) e do Ministério da Cultura do Brasil, com apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento, da qual participo como pesquisador convidado e diretor da TV-PUC.

O projeto começou em 1995, com a idéia de sistematizar o conhecimento adquirido em incontáveis estudos sobre o impacto das ditaduras no Cone Sul e o papel da cultura na redemocratização dos países da região. Pesquisando em quatro direções – Economia da Cultura, Espaços de Participação Democrática, Políticas Culturais e Políticas Educativas –, logrou realizar, em oito anos de atividade, diversas reuniões acadêmicas no Brasil e nos Estados Unidos, dois seminários internacionais e três volumes de artigos, de professores renomados como Paulo Sérgio Pinheiro, Renato Janine Ribeiro, Celso Beisiegel, Teixeira Coelho e José Álvaro Moisés, entre outros. A coordenação dos trabalhos é do professor Saul Sosnowski, diretor do Centro de Estudos Latino-Americanos da University of Maryland.

Alguns axiomas emergiram claramente das reflexões. O primeiro é de que *a cultura é includente*: o acesso aos bens culturais é uma condição fundamental da expansão e da consolidação da cidadania, na medida em que implica o *empowerment* (ampliação do poder) do cidadão comum. Partindo-se de outro axioma – *a cultura agrega, não é agregada* –, observou-se que a cultura contribui para o desenvol-

vimento humano, tanto o individual quanto o comunitário; contribui para o reconhecimento da própria identidade e para o respeito e conhecimento do outro.

A University of Maryland negocia com o Ministério da Cultura, no momento, uma nova fase do projeto, que tratará especificamente de “Cultura e Inclusão Social”, tema de absoluta relevância e muito presente em projetos e programas acadêmicos da PUC-SP. A idéia é buscar aplicações práticas para as muitas recomendações surgidas da primeira fase, explorando a interação da cultura com a escola, com a mídia e com a educação a distância. Pretende-se desenvolver cursos, oficinas, publicações, programas de rádio, CD-Roms, programas de TV e vídeos, entre outros materiais. Minha intenção é fazer com que a TV PUC, pela experiência rica e diferenciada que reúne nesses seus sete anos de existência, tenha um papel ativo na produção de parte desses materiais.

Prof. Gabriel Prioli

Diretor da TV-PUC (1997-2006).

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 38, 05/03.

DEMOCRACIA, JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS EM PERSPECTIVA COMPARADA

ROGÉRIO ARANTES

A pesar dos grandes problemas deixados pelo século 20, ingressamos no século 21 certos de que a revalorização dos velhos ideais de democracia, justiça e direitos humanos – ocorrida em escala mundial nas últimas décadas – foi capaz de renovar significativamente os processos políticos em diversos países, atingindo também a agenda de pesquisa acadêmica e o debate intelectual.

Trata-se aqui menos de otimismo ingênuo e mais de uma observação realista diante do estreitamento do leque de opções macroideológicas ocorrido a partir das grandes transformações que marcaram as décadas finais do século 20. A retomada das noções de democracia, justiça e direitos humanos deu-se em meio aos processos de redemocratização política na América Latina e no Leste Europeu. Mesmo que defendidas por forças de esquerda e/ou anti-*establishment*, e ainda que adjetivadas de “social” para fins de ação política, o fato é que tais noções remontam ao velho liberalismo do século 18 e não deixam de refletir a falta de macroopções ante a derrocada do socialismo real. Não quero dizer com isso que democracia, justiça e direitos humanos sejam corolários do mal-dito neoliberalismo econômico, mas que o ressurgimento quase simultâneo dos mesmos no último quartel do século 20 não parece mera coincidência e se explica pelo contexto de luta contra os autoritarismos e de falência das economias planificadas. A principal e talvez única diferença entre as retomadas daquilo que poderíamos chamar de “neoliberalismo político” (democracia, justiça e direitos humanos) e de neoliberalismo econômico é que a primeira foi obra das esquerdas, que se converteram às vantagens da democracia constitucional, abandonando antigas receitas autoritárias de tomada do poder. Já a segunda surge pela direita e representa o pensamento daque-

les que querem fazer do mercado o mecanismo exclusivo de produção e distribuição de riqueza na sociedade.

Nesse contexto, em que atores provenientes de uma tradição igualitária assumem valores liberais de democracia e de direitos humanos e no qual o mercado procura se impor como fórmula econômica totalitária, não diminuem as condições e se agrava uma vez mais o desafio histórico de compatibilização dos ideais de igualdade e de liberdade.

A agenda de pesquisa em ciência política tem refletido esse desafio. Graças ao avanço do método comparativo e das oportunidades de intercâmbio entre pesquisadores de diversos países, temos acompanhado a performance das novas democracias e as tentativas de superação daquele velho impasse.

Foi com esse pano de fundo que o Centre for Brazilian Studies (CBS) da University of Oxford (Reino Unido), organizou, em junho último, o seminário *Promoting Human Rights through good governance in Brazil*. Fundado em 1997, o CBS vem desenvolvendo um amplo programa de estudos sobre o Brasil, nas áreas de história, cultura, sociedade, política, economia, ecologia e relações internacionais (www.brazil.ox.ac.uk). O seminário de junho, realizado com o apoio do British Council, reuniu intelectuais e *policymakers* para discutir a questão dos direitos humanos e as alternativas de *good governance* em áreas específicas, como justiça, sistema prisional, polícia, combate à corrupção.

Convidado a participar em função das pesquisas que realizo sobre instituições de justiça e relações entre política e direito, pude levar a experiência do Ministério Público Brasileiro no combate à corrupção política, mostrando aos meus colegas estrangeiros como, aqui, nós dispomos de um *quasi* quarto poder de Estado, que tem se destacado nas mais diversas frentes de atuação. Fenômeno associado à reemergência da democracia liberal, a expansão dos organismos de justiça vem sendo acompanhada com grande interesse pelos pesquisadores, na expectativa de que, por essa via, seja

possível, não só garantir os direitos liberais clássicos, mas também avançar rumo à igualdade social.

Rogério Arantes

Chefe do Departamento de Política da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP (2002-2006).

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional nº 39**, 08/03.

UMA OPORTUNIDADE DE ILUMINAÇÃO TRANSCULTURAL

CLIFF WELCH

“Eles vão te comer vivo!” – alertou-me uma amiga e recém-doutora pela PUC-SP, quando lhe disse que, neste semestre, estaria dando aulas sobre história das relações exteriores dos EUA no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. A combinação entre a invasão americana no Iraque e a reputação “radical” dos alunos da PUC-SP deixou minha amiga preocupada. No primeiro dia de aula, entrei na classe esperando ser bombardeado com perguntas e críticas.

Entretanto, fiquei grato e não muito surpreso quando meus alunos, ao contrário, trataram-me com muita cortesia e respeito. Claro que expressaram consternação e antipatia pelas políticas e ações do atual governo dos EUA, mas não me responsabilizaram por elas. Compartilhei suas preocupações e condenações, expressando, na qualidade de cidadão americano, meu sentimento de vergonha em relação às ações de meu país. “Não estou aqui para defender as políticas norte-americanas”, disse-lhes. “Espero apenas que possa ajudá-los a compreender porque os EUA agem desta maneira”.

Foi assim que teve início, em agosto passado, minha estadia como professor visitante estrangeiro (PVE) da Capes no Brasil. Fui convidado para dar aulas na PUC-SP pela professora Vera Chaia, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, e na Unesp – Presidente Prudente, pelo professor Bernardo Mançano Fernandes. Sou grato a ambos e ao Ministério da Educação do Brasil pelo privilégio de poder passar um longo período no país, lecionando sobre os EUA e integrando projetos conjuntos de pesquisa.

A bolsa PVE da Capes é um dos poucos programas que apóia a vinda de professores estrangeiros para universidades brasileiras. Com um custo relativamente

baixo para o orçamento federal, esse programa oferece às instituições brasileiras mecanismos para atrair acadêmicos do exterior. Diferentemente do Programa Fulbright,^{*} que também apóia professores visitantes dos EUA em universidades brasileiras, a seleção de candidatos PVE da Capes é integralmente realizada pelos brasileiros. Esse programa oferece uma valiosa oportunidade de enriquecimento do ensino superior brasileiro, da mesma forma que o Programa Fulbright tem auxiliado instituições dos EUA a trazerem intelectuais não-americanos a seus *campi*, como professores visitantes.

Essa também tem sido uma fantástica experiência para mim. Embora costume vir ao Brasil quase todos os anos, há quase 15 anos não ficava no país para uma estadia mais prolongada. A bolsa PVE tem me permitido aumentar meu entendimento e minha estima pela sociedade brasileira, algo que, sem dúvida, irá enriquecer minhas atividades de ensino sobre América Latina nos EUA. Também está me fazendo redespertar como um pesquisador sobre o Brasil, uma vez que a bolsa me possibilita passar praticamente todo o tempo pesquisando, lendo, refletindo, conversando e escrevendo sobre o país. Minha atividade acadêmica, que costuma parecer estranha e exótica aos olhos de meus colegas nos EUA, aqui é central na vida de muitas pessoas. Tenho uma enorme satisfação de experimentar essa sensação.

Minha maior satisfação pessoal, contudo, vem de meus estudantes, e gosto de imaginar que eles também estejam se beneficiando e aproveitando minha presença aqui. Aprecio sua maturidade em não me responsabilizarem pelos complexos de insegurança de meu país e por me fazerem aprender novas formas de olhar para aqueles complexos,

* O Programa Fulbright, em 1946, por proposta do senador J. William Fulbright, tem o objetivo de estabelecer um programa de intercâmbio cultural para estudantes e professores. É administrado pelo Departamento de Estado, por meio de comissões binacionais e fundações em 51 países e das embaixadas americanas em todo o mundo, num total de mais de 140 países.

a partir de seus ricos comentários. Para o “bem” ou para o “mal”, os EUA exercem um papel central em suas vidas, mas as motivações e significados ainda parecem ser ao mesmo tempo opacos e transparentes. A bolsa PVE oferece uma rara oportunidade para essa iluminação transcultural.

Cliff Welch

Professor Associado de História da Grand Valley State University, Michigan, EUA. Professor Visitante Estrangeiro da Capes na PUC-SP e na Unesp (2003-2005).

Tradução de Patrícia Shiroma e Renée Zicman.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 40, 10/03.

ÁFRICA? FICA ALI NA FRENTE...

LADISLAU DOWBOR

A guerra fria não era um assunto africano. No entanto, coincidiu com as independências africanas o auge de uma polarização internacional que desvirtuaria todas as tentativas de transformação social. É necessário lembrar a importância do movimento que sacudiu o continente a partir da Segunda Guerra Mundial, a imensa onda de esperança, o grande esforço de libertação nacional, o surgimento de gigantes como Amílcar Cabral, Nelson Mandela, Julius Nyerere, Agostinho Neto, Samora Machel, Patrice Lumumba e tantos outros.

Com o movimento das independências, era natural que surgisse a transformação social. Mas criou-se um grande divisor de águas: independência sim, mas transformações sociais já implicariam socialismo, ou comunismo, e tudo era reduzido à opção por Moscou. E o que seria uma independência que não pudesse devolver as terras apropriadas pelos colonialistas, construir dinâmicas econômicas, sociais e culturais autôcentradas? Os que tentaram reformas foram sistematicamente assassinados, como Lumumba, Amílcar Cabral, tantos outros...Teríamos doravante pessoas negras nos assentos do poder, mas os assentos continuariam os mesmos.

A viagem do presidente Lula à África Austral não foi uma viagem de simples diplomacia, de cosmética política. Pela primeira vez a região está em paz. Enfrenta o enorme desafio da reconstrução e é natural que, nessa etapa, esteja à procura de parceiros. O olhar natural, em nossos países, é em direção ao Norte, para os países desenvolvidos. Esse olhar é necessário, mas igualmente importante é dirigirmos nossa atenção para os parceiros de infortúnio, os outros países do Terceiro Mundo, onde os problemas e as soluções estão muito mais próximos.

A América Latina, pela proximidade do gigante norte-americano, também sofreu o impacto da guerra fria, do de-

envolvimento econômico empresarial, considerado positivo, e do bloqueio social, considerado perigoso. Será preciso lembrar que Paulo Freire, professor da PUC-SP, foi preso e exilado por uma coisa tão avançada como alfabetização?

Quando o Brasil, pela primeira vez, começa a tentar organizar forças políticas em torno de um maior equilíbrio social, os paralelos se tornam óbvios. A África do Sul tem o mesmo nível de desenvolvimento econômico que o Brasil – uma renda *per capita* da ordem de US\$ 3 mil – e o mesmo *apartheid* social: a concentração de renda é praticamente idêntica nos dois países. A Namíbia, grande produtor de diamantes, não é um país pobre, como não o é Angola, com petróleo, diamantes e outras riquezas.

O problema que temos em comum não é essencialmente econômico, no sentido estrito: trata-se da construção de uma governança que assegure às populações chances efetivas de participação no produto social, no esforço de desenvolvimento e nos seus frutos. No plano interno, o imenso desafio de desenvolvimento e aprofundamento de instituições democráticas. No plano internacional, a conquista do respeito, da igualdade de chances, da presença articulada perante os países ricos.

A viagem do presidente Lula não foi um passeio diplomático. O chefe de um país do porte do Brasil viajou com seus ministros e dirigentes de instituições financeiras e empresas. Os países visitados entenderam o recado: trata-se da construção de uma ponte de cooperação. Como membro dessa comitiva, pude observar um estilo de trabalho: reuniões políticas para concertação internacional e definição de rumos entre os chefes de Estado; reuniões técnicas entre ministros firmando convênios concretos de cooperação; e reuniões empresariais mistas para abrir oportunidades de investimento dos dois lados.

Como pano de fundo, a necessária costura de aproximações entre países relativamente mais pobres, que precisam se unir para abrir espaços. G3, G20 ou o que seja, já que

estamos na era dos “Gs”. No essencial, trata-se da construção de uma cooperação Sul-Sul que, tentada prematuramente há algumas décadas, adquire hoje um novo sentido.

Trabalhei sete anos em alguns desses países, ajudando a desenvolver instrumentos de planejamento e de gestão econômica. Tive a oportunidade de agradecer a hospitalidade que esses países nos asseguraram na era da ditadura. Encontrei exilados que criaram raízes e lá estão até hoje, agora entusiasmados com a possibilidade de contribuir nos relacionamentos.

Em Moçambique, encontramos o professor Jamisse Taimo, reitor do Instituto Superior de Relações Internacionais, formado na PUC-SP. Discutimos, entre outras possibilidades, a elaboração de um estudo aprofundado sobre as raízes africanas do Brasil, envolvendo historiadores nossos e de diversos países africanos. De certa forma, o caminho da cooperação ganhou um quadro de referência oficial mais amplo e deveremos saber aproveitá-lo.

Há alguns anos, o então vice-presidente da Guiné-Bissau, Vasco Cabral, veio me visitar no Brasil. Olhando da sacada da minha casa na praia em Itanhaém, víamos o imenso mar. O africano teve um comentário simples: “Eu moro ali na frente...”.

Ladislau Dowbor

Professor dos Programas de Estudos Pós-Graduados em Administração e em Economia da PUC-SP.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 41, 11-12/03.

UMA BOA SURPRESA

CARLOS NOGUEIRA

CAROLINA TROSTER

Morar na Dinamarca por alguns meses é inesquecível. Conhecer outro país, uma nova língua, vivenciar uma cultura diferente, estudar com colegas de diferentes países, fazer novas amizades e ainda desfrutar de uma das melhores qualidades de vida da Europa, proporcionam momentos ímpares e, como todos imaginam, é uma experiência maravilhosa.

Entretanto, morar no exterior também tem suas dificuldades. Acostumar-se a um novo ritmo de vida, em uma cidade desconhecida, com um idioma difícil e sem conhecer ninguém são alguns dos obstáculos. Fazem, porém, parte da experiência e são superados após algumas semanas. Estudar em outra língua e com outros métodos de ensino, morar sozinho, fazer compras em dinamarquês e trabalhar como garçom são alguns dos desafios enfrentados, dos quais lembraremos sempre como um período de aprendizado.

Entre canais e edificações antigas, Copenhague oferece entretenimentos de uma metrópole e a tranquilidade de um vilarejo. No verão, os parques da cidade ficam lotados de pessoas curtindo o sol; no inverno, os lagos congelados tornam-se riques de patinação. A noite fervilha o ano inteiro, com diversas opções de lugares e estilos.

A Universidade de Copenhague está localizada no centro histórico da cidade. Em instalações que chegam a datar de 1479, oferece um método de ensino inovador, com excelente qualidade acadêmica. A rotina dos estudantes é bem diferente daquela vivenciada na PUC-SP. No Instituto de Economia, o aluno pode frequentar as disciplinas que quiser – é recomendado que curse três disciplinas no máximo, em função do elevado grau de exigência –, devendo decidir em quais prestará exame. Como não há chamadas ou lista de presença, o estudante cria sua própria rotina de estudos e

assiduidade às aulas. E é importante ressaltar que a grande maioria não perde uma aula sequer, nem deixa de repassar, quase diariamente, todos os pontos estudados nas aulas, até porque as disciplinas são bem difíceis.

Além do dinamarquês, que soa como um “alemão engasgado”, todo mundo fala inglês. O próprio currículo da Universidade de Copenhague está adaptado à língua inglesa, exigindo uma fluência perfeita nesse idioma.

Para aqueles que ainda tenham dúvida se vale a pena o investimento num intercâmbio na Dinamarca, lembramos que, ao lado dos ganhos profissionais e acadêmicos, ele oferece a oportunidade de conviver com estudantes de vários lugares do mundo e de ampliar o conhecimento e o crescimento pessoal.

A Universidade de Copenhague definitivamente nos surpreendeu.

Carlos Nogueira

Aluno do curso de Ciências Econômicas da PUC-SP (2000-2006).

Carolina Troster

Aluna do curso de Administração de Empresas da PUC-SP (2001-2006).

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** nº 42, 05/04.

BRASIL-FRANÇA, UM INTERCÂMBIO FILOSÓFICO

SALMA TANNUS MUCHAIL

As relações entre a(s) filosofia(s) francesa(s) e o ensino da filosofia no Brasil já constituem tradição, e o Departamento de Filosofia da PUC-SP participa, cada vez mais, dessas relações. É nesse contexto que situo as atividades de intercâmbio que venho realizando a partir de estudos sobre o pensamento de filósofos franceses contemporâneos, especialmente o de Michel Foucault (1926-1984). Trata-se de um trânsito construído gradativamente e em sucessivas etapas.

O marco inicial foi a produção da tradução brasileira de uma das obras fundamentais de Foucault, *As palavras e as coisas*, que concluí em 1981 (Martins Fontes, 8ª edição, 1999). Alguns anos mais tarde (1988-1989), desenvolvi estudos pós-doutorais na École Normale Supérieure de Paris e no Centre Michel Foucault.

Em junho de 2001, participei do Colóquio Internacional *Michel Foucault, la littérature, les arts*, em Cerisy-la-Salle (França). Naquele mesmo ano, em parceria com o Márcio Alves da Fonseca, do Departamento de Filosofia da PUC-SP, iniciei a tradução brasileira da obra *A hermenêutica do sujeito*. Trata-se, originariamente, do curso ministrado por Foucault no Collège de France, em 1982, cuja edição foi organizada por Frédéric Gros, um dos mais reconhecidos dentre os atuais estudiosos franceses do pensamento foucaultiano e com quem passamos a ter um contato mais próximo. A tradução brasileira foi publicada em 2004, ano em que, em homenagem aos 20 anos da morte de Foucault, numerosos Encontros foram promovidos.

Em fevereiro de 2004, participamos, novamente junto com Márcio Alves da Fonseca, do Colóquio Internacional Michel Foucault, na Cidade do México, onde nos encontramos, entre outros, com Frédéric Gros, Daniel Defert, depositário dos manuscritos de Foucault, e Paul Mengal, reitor

da Université de Paris XII. Desse encontro nasceu o compromisso de participação em outro Colóquio Internacional, Foucault: nouveaux déploiements, uma promoção conjunta da Université de Paris XII e da University of Chicago, ocorrido em Paris. Nessa nova ocasião, juntamente com a tradutora alemã e o tradutor chinês, compusemos uma mesa-redonda sobre as diferentes experiências de tradução do livro *A hermenêutica do sujeito*. Durante essa estada em Paris, intermediamos convites a Frédéric Gros, Nathalie Piégay-Gros e ao canadense Richard Groulx para participarem, em novembro de 2004, do Colóquio Internacional Foucault, 20 anos depois, no Brasil. Suas presenças e a alta qualidade do colóquio marcaram a consolidação das mútuas relações pessoais e institucionais entre foucaultianos brasileiros e franceses.

Recentemente, configura-se mais uma ocasião de intercâmbio. No contexto das comemorações do Ano do Brasil na França, celebrado em 2005, será realizado, em junho, na Université de Nice, um Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia. Convidada a compor o grupo de 20 professores brasileiros de Filosofia que lá representarão o Brasil e o ensino da Filosofia em Universidades brasileiras, honradamente farei presente o Departamento de Filosofia da PUC-SP e seu Programa de Estudos Pós-Graduados.

Salma Tannus Muchail

Professora Emérita do Departamento de Filosofia da PUC-SP.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional** n° 43, 04/05.

ESTUDAR NUMA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

KACY KERASOLI

RISA DUBOW

Para um estudante norte-americano, a expressão *study abroad* oferece uma oportunidade excepcional de viver e estudar fora dos Estados Unidos, desenvolvendo uma percepção única e pessoal sobre a cultura, o povo e a sociedade de outros países. Essa foi nossa opção ao vir para o Brasil, durante nosso terceiro ano de faculdade, a exemplo do que fazem 3% dos estudantes universitários dos EUA.

Vimos para uma estadia de três meses (*term abroad*), junto com outros dez estudantes de dois *colleges* do estado de Nova York: Hobart and William Smith Colleges e Union College. Escolhemos vir para o Brasil por diversas razões, incluindo a curiosidade sobre o povo, a cultura e a língua, além do prazer de viajar.

Desde o momento em que aterrissamos no Aeroporto de Guarulhos, fomos recebidos no Brasil de braços abertos. Parecia que o país estava feliz em nos acolher, tanto quanto o grupo estava ao aqui chegar. Cada um de nós está vivendo com uma família de acolhida, que nos trata como seus próprios filhos.

Vimos para a PUC-SP no âmbito de um convênio de cooperação com nossos *colleges*, e nossa estadia conta também com a parceria da Associação Alumni, que oferece apoio logístico ao programa, incluindo a organização de viagens, visitas e atividades extraclasse. Por meio do Curso de Extensão “Brasil em Perspectiva”, temos acesso a um rico panorama geral sobre sociedade, religiosidade, história e cultura brasileiras, todo ele oferecido em língua inglesa.

Sentimo-nos extremamente bem-vindos na PUC-SP, integrados com seus estudantes, fazendo amizades, participando de viagens – como para Ilha Bela –, encontrando pes-

soas interessadas em discutir e conhecer nossa cultura, da mesma forma que queremos conhecer a delas.

Como viemos de uma atmosfera universitária completamente diferente, é interessante ver como as pessoas da nossa idade interagem na PUC-SP. Todos nós estudamos em faculdades localizadas em um grande *campus* universitário, onde vive a maioria dos estudantes. Diferentemente da PUC-SP, que tem cerca de 17.000 estudantes, nossos *colleges* não têm mais do que 2.600 estudantes. A “Prainha” da PUC-SP assemelha-se ao que chamamos de “The Quad” ou “Student Union”, locais onde os estudantes se encontram, conversam, interagem. Sempre que passamos por ali, vemos novos rostos, atividades nos centros acadêmicos, entradas e saídas da biblioteca. Na PUC-SP, o ambiente é extremamente acolhedor, o que faz com que não nos sintamos estrangeiros ou estranhos à sua comunidade.

Na parte acadêmica, além de termos a oportunidade de estudar diversos aspectos da diversidade da sociedade e da cultura brasileiras, temos o imenso privilégio de ter aulas com professores de alta qualidade. Vamos também poder transferir os estudos desenvolvidos na PUC-SP como créditos revalidados em nossos *colleges*.

Sentimo-nos como se fôssemos realmente estudantes da PUC-SP. Estudamos na mesma instituição, comemos as mesmas comidas, tomamos os mesmos ônibus, vivemos na mesma cidade. A atmosfera geral é muito agradável e nos faz sentir parte desta grande Universidade.

Já estamos preocupados em saber como vamos nos adaptar no retorno aos velhos hábitos dos nossos *colleges*.

Kacy Kerasoli

Estudante de Sociologia do Hobart and William Smith Colleges, EUA.

Risa Dubow

Estudante de Sociologia e Psicologia do Union College, EUA.

Intercambistas na PUC-SP (09 a 12/2005).

Tradução de Renée Zicman.

Artigo publicado no boletim **Rede Internacional nº 44**, 11/05.